prêmio

Rio de Letras

Inteligência artificial e criatividade



3ª Edição

Neste ano, celebramos três anos do Prêmio Rio de Letras; uma iniciativa que mobiliza escolas de todo o estado do Rio de Janeiro em torno da leitura, da escrita, da cultura e da reflexão crítica.

Ao fomentar a cultura pelo encontro entre a literatura, a criatividade e o pensamento, a Firjan SESI reafirma sua convicção no poder transformador da Cultura e da Educação, abrindo caminhos para que novas gerações reconheçam na linguagem um instrumento de criação, pertencimento e construção de futuros possíveis.

A parceria entre as Firjan SESI e SEEDUC, aliada à curadoria da Academia Brasileira de Letras (ABL), fortalece esse propósito comum, consolidando-se como uma iniciativa em favor da arte, da excelência educacional, da formação humana e do desenvolvimento da juventude brasileira.



prêmio

Rio de Letras

Inteligência artificial e criatividade

Firjan SESI

3ª Edição

Rio de Janeiro, 2026

Ficha Catalográfica - Elaboração: Cássia Curi - CRB-7ª Região - 6100

S493p

Prêmio Rio de Letras: inteligência artificial e criatividade / organização Serviço Social da Indústria – SESI RJ; Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro – SEEDUC RJ e Academia Brasileira de Letras – ABL; 3.ed - Rio de Janeiro: [s.n], 2026.

273p. Il.

Textos de autoria dos alunos das escolas Firjan SESI e da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro avaliados pela Academia Brasileira de Letras - ABL

ISBN: 978-85-64113-20-6

1. Contos 2. Poesias 3. Crônicas I. Concurso Literário. II. Premiação III.Título.

CDD 808.068

Firjan SESI

FIRJAN SESI

Presidente
Luiz Césio Caetano

Diretor de Educação e Cultura
Vinicius Carvalho Cardoso

Consultora de Educação
Andréa Marinho

Gerente de Educação Básica
Vinicius do Nascimento Silva Mano

Consultora de Educação Básica
Luiza Maria Martins Chaves

Coordenadora Pedagógica de Educação Básica
Ana Cláudia Medeiros

Analistas de Linguagens
Sarah de Araujo Alves
Robson Di Brito

Gerência de Cultura e Arte
Antenor José de Oliveira Neto

Consultora de Cultura e Arte
Olga Ofélia Acosta Darias

Coordenador de Promoção Cultural
Bruno Costa Assunção Ribeiro

Coordenadora de Educação Cultural
Júlia da Costa Santos

Analistas de Cultura e Arte
Felipe de Souza Guimarães Coquito
Gisele Ribeiro da Silva

Assistente de Cultura e Arte
Gabriel Jardim Motta Muzzi

Copyright © 2024 – Todos os direitos desta edição reservados à Firjan SESI.



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Presidente
Merval Pereira

Secretário-geral
Antonio Carlos Secchin

Curadoria

Seleção de contos:
Antonio Torres
Rosiska Darcy de Oliveira
João Almino

Seleção de poesias:
Domicio Proença Filho
Antonio Carlos Secchin
Carlos Nejar

Seleção de crônicas:
Ricardo Cavaliere
Ruy Castro
Godofredo de Oliveira Neto

GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Governador
Ricardo Couto de Castro

Secretária de Estado de Educação
Luciana Martins Calaça

Subsecretária Executiva
Gleice Renata Martins da Costa Menezes dos Santos

Subsecretária de Planejamento e Ações Estratégicas
Vivianne Ferreira Tavares Dorado

Subsecretária de Gestão de Ensino
Daniela Pereira Vasques

Subsecretária Administrativa
Luciana Gomes Magalhães

Chefe de Gabinete
Alessandra Vasques Werner

Sumário

Prefácio 21

Introdução 25

CONTOS 29

Firjan SESI

1ª série do Ensino Médio

As perguntas de Beto, *de Ana Julia Abreu Sant'ana*. 33

O silêncio das constelações, *de Ketlyn Dos Santos Carneiro* 37

Falsas verdades, *de Diana Alcantara Barbosa* 41

2ª série do Ensino Médio

Silêncio que se fez música, *de Samuel Costa da Silva* 45

Milhares de vidas, *de Kamily Vitória Claudio Gomes* 51

A cor que não existia, *de Pedro César Ramos Porto* 55

3ª série do Ensino Médio

Hades, *de Matheus Távora da Silva Manso* 61

O homem em meio à sombra, *de Isabelle Nascimento* 67

O arquiteto de ecos, *de Henrique Real Batista* 71

SEEDUC

1ª série do Ensino Médio

A assinatura invisível, *de Sauli Coutinho Lima* 75

Para a inteligência artificial, meu pai morreu há três meses.
Ele continua tomando café às 7 horas da manhã,
de Eduardo Vicente Santos Nicacio 81

Coração de códigos, *de Allison Gabriel Buchiwitz*. 87

2ª série do Ensino Médio

Além do Reflexo, *de Aimée Guimarães Cretton* 91

A criação, *de Mariana Aparecida Mesquita da Silva* 95

O estúdio oculto, *de Guilherme Silva Barbosa* 101

3ª série do Ensino Médio

A extinção dos artistas, *de Isabelli da Silva Sebastião*. 105

2º Lugar:
A última cor, *de Cailane Fonseca Alves de Souza* 109

3º Lugar:
Póstumos esqueceres, *de Nicolas Caleb Toledo Sorrentino* 113

CRÔNICAS 117

Firjan SESI

1ª série do Ensino Médio

Sobre tudo aquilo que não se programa,
de Yuri Lírio de Oliveira da Silva 121

Só a gente faz, bem até demais, *Sophia Silva Neves* 125

O dia em que a criatividade ficou sem internet,
de Helena de Souza Cardoso 129

2ª série do Ensino Médio

Vontades secretas, *de Ana Valentina Gonçalves Dias Boube*. . . . 133

Namoro de IA, *de Mayara Scimmi da Rocha* 137

A história de toda terça-feira, *de Nicole Barradas Barroso* 141

3ª série do Ensino Médio

O amor começa, *de Isabela Peluso Hilgemberg* 145

Humanize! *de Ezequiel Brum Di Mare* 149

Meu nome é Maria, *de Anna Júllia de Oliveira Silva* 153

SEEDUC

1ª série do Ensino Médio

A tentativa nº 101, *de Letícia de Souza Moreira* 157

A tecnologia dá asas ao que o coração ousa sonhar,
de Kamily do Nascimento Lamim 161

Meu Lugar, *de Cauã Menezes Cabral* 165

2ª série do Ensino Médio

Carteiro das próprias ideias,
de Davi Negroni Magalhães Paixão de Carvalho 169

A fome e o silício, *de João Miguel da Silva Dias Gonzaga* 173

Modo avião, *de João Pedro Vieira da Rocha Santos* 177

3ª série do Ensino Médio

IAcriatividade, *de João Héllyo de Souza Moura* 181

Do humano ao artificial, *de Pietra Pereira da Silva* 185

A verdade por trás das telas, *de Erik Wendel Braz Cunha* 189

POESIAS 193

Firjan SESI

1ª série do Ensino Médio

O erro sagrado, *de Davi Brasil Rodrigues da Costa* 197

A conexão do coração, *de Israel Amir de Oliveira dos Santos* . . . 201

A minha arte imperfeita, *de Vitória Silva Rodrigues* 205

2ª série do Ensino Médio

O silêncio que nenhuma máquina aprende,
de Angelo Alberto Marques Junior 209

Versos na escuridão, *de Isabela Monteiro de Souza*. 215

Limites da criação, *de Sophia Ramos Pimenta* 217

3ª série do Ensino Médio

Poesia não pigmentada, *de Pietra Alícia Azevedo Ferreira* 221

A quimera de silício, *de Henrique Tavares Rocha*..... 225

O poder de ser humano, *de Nicolle Santana Mantuano*..... 229

SEEDUC

1ª série do Ensino Médio

Entre cabos e sonhos, *de Ana Vitória Souza Andrade* 233

Entre razão e criação, *de Manuella de Jesus Sartori* 237

Os segredos que restam, *de Nathaly Andrade Mendes*..... 241

2ª série do Ensino Médio

Consciência projetada,
de Ana Caroline Rener Oliveira de Arruda 245

A voz do futuro, *de Maria Eduarda Souza de Almeida* 254

Entre códigos & emoções,
de Giovanna Cristianne da Silva Pereira 255

3ª série do Ensino Médio

As palavras que a máquina não sente,
de Sofia Damas de Sousa 259

Entre linhas e circuitos, *de Camila da Silva Massena* 263

Navegando na criatividade,
de Davi Guimarães Zadorosny Lopes 265

Hackathon 267

Prefácio

A inteligência Artificial está inserida no desenvolvimento da sociedade. Estudar os efeitos e os impactos da tecnologia é uma necessidade premente, pois ela pode servir tanto ao bem quanto ao mal; pode ser transformadora no desenvolvimento de ciências, de ensino e aprendizagem e de máquinas, mas não de pensamento. Faltam à Inteligência Artificial alma, vivências, cultura, emoção e criatividade, mas ela pode gerar algo novo combinando conjuntos de dados.

Uma pergunta latente: a Inteligência Artificial é uma ameaça à individualidade e à cultura?

Na Academia Brasileira de Letras trouxemos, em 2024, um avatar de Machado de Assis treinado para responder perguntas sobre sua vida e sua obra. É interessante e desperta a atenção de todos os que passam por lá. Mas como relata o acadêmico Ruy Castro a "IA é incapaz de competir com os escritores naquilo que caracteriza a verdadeira criação, o inatingível o mágico, o que não

tem resposta, nem nunca terá".

O Chat GPT (!) nos ensina a pensar na IA como um instrumento musical muito avançado: o piano não compõe a música, mas permite que o pianista alcance notas e harmonias impossíveis de produzir com a voz. A IA, segundo a plataforma, é o piano mais complexo que a humanidade já produziu: a música, porém continua dependendo da sensibilidade e da visão de quem está sentado diante das teclas.

Portanto, o tema escolhido para o prêmio Rio de Letras 2026 não poderia ser mais atual e importante dada à rapidez das mudanças provocadas no mundo pela transformação digital. A Inteligência Artificial já teria seu lugar de fala. É um debate fascinante.

Merval Pereira
Presidente da Academia Brasileira de Letras

Introdução

Convidamos você a embarcar nesta nova travessia literária, um percurso pelas palavras, imaginações e inquietações que compõem a 3ª edição do Prêmio Rio de Letras. Nesta coletânea de contos, crônicas e poemas, os autores e autoras nos apresentam reflexões sensíveis e criativas sobre o tema "Inteligência Artificial e Criatividade", explorando os encontros, diálogos e tensões entre a capacidade humana de criar e as transformações provocadas pelas novas tecnologias.

Os estudantes do Ensino Médio das Escolas Firjan SESI e das Escolas Estaduais do Rio de Janeiro, homenageados nesta edição, demonstram que a literatura continua sendo um espaço privilegiado para pensar o presente e imaginar o futuro. Seus poemas formam um mosaico de vozes, experiências e perspectivas que revelam diferentes maneiras de compreender a relação entre humanidade, conhecimento, inovação e expressão artística.

Ao longo destas páginas, o leitor encontrará textos que transitam entre o real e o imaginário, entre a memória e a projeção de novos mundos possíveis. São produções que questionam, celebram e reinterpretam o papel da criatividade em uma época marcada pelo avanço acelerado da tecnologia e pela crescente presença da inteligência artificial em nosso cotidiano.

O Prêmio Rio de Letras nasceu do desejo de fomentar a leitura e a escrita como práticas fundamentais para a formação humana. Afinal, antes de escrever, é preciso aprender a ler. E, no século XXI, ler tornou-se ainda mais essencial: significa compreender diferentes linguagens, interpretar informações, avaliar criticamente conteúdos e desenvolver a capacidade de dialogar com um mundo cada vez mais conectado e complexo.

Em tempos de algoritmos, produção automatizada de conteúdos e circulação instantânea de informações, a leitura crítica e a criação literária assumem um papel ainda mais relevante. Elas nos ajudam a distinguir fatos de opiniões, a refletir sobre os impactos éticos das tecnologias e a reafirmar aquilo que nos torna singularmente humanos: a sensibilidade, a imaginação, a empatia e a capacidade de atribuir sentidos ao mundo.

Por meio da literatura, ampliamos horizontes, conhecemos diferentes pontos de vista e fortalecemos nossa compreensão da diversidade de experiências que compõem a sociedade. Escrever poemas sobre inteligência artificial não significa apenas falar sobre máquinas ou ferramentas digitais; significa, sobretudo, investigar como a criatividade humana se reinventa diante das transformações do nosso tempo.

Como parte dessa jornada, os participantes tiveram acesso a experiências formativas que incentivaram a leitura, a pesquisa e o aprofundamento das características do gênero poético. Mais do que um concurso literário, o Prêmio Rio de Letras se consolida

como um espaço de formação, expressão e protagonismo juvenil, estimulando jovens escritores a desenvolverem sua voz autoral e a compartilharem suas visões sobre os desafios e possibilidades do mundo contemporâneo.

Esta coletânea é, portanto, um convite à reflexão e ao encantamento. Cada texto aqui reunido evidencia que, mesmo em uma era de avanços tecnológicos extraordinários, a criatividade continua sendo uma das mais poderosas manifestações da condição humana. Que estas páginas inspirem novas perguntas, despertem novas sensibilidades e reafirmem o valor da literatura como espaço de encontro entre a inteligência, a imaginação e o futuro.

Boa leitura.

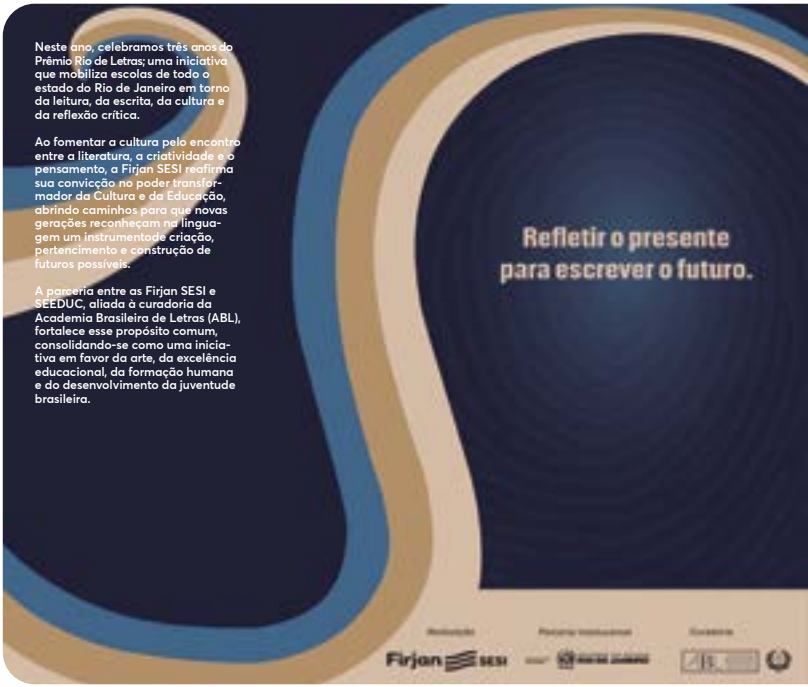
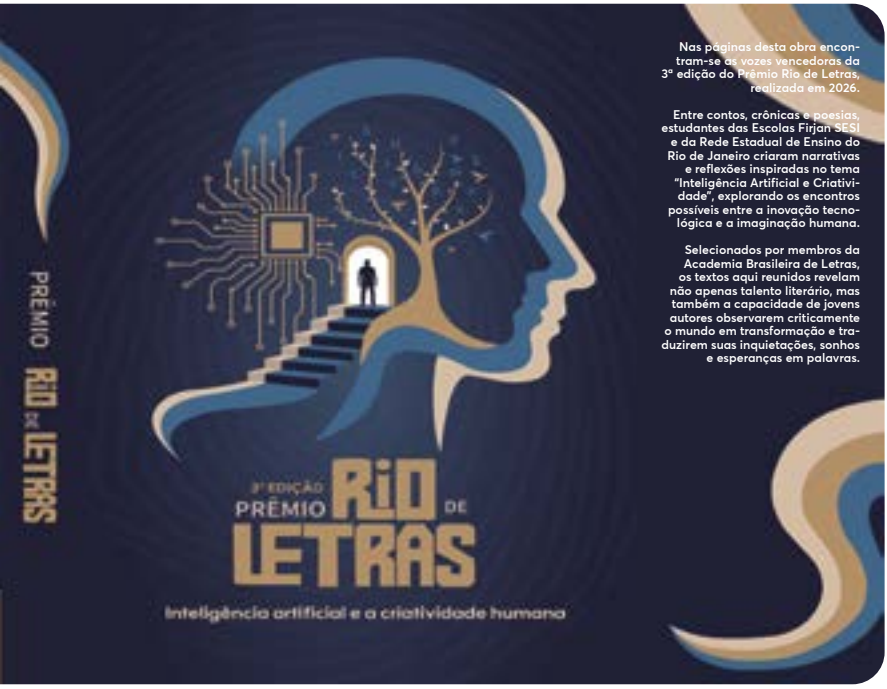


Imagem de autoria de
Luiza Pereira Pinho,
Marina Dumas Souza,
Júlia Ramos Mancuso e
Mariana Brysa Raimundo Martorelli.

Contos



O conto é um tipo de texto literário curto, mas muito poderoso. Mesmo com poucas páginas, ele consegue transmitir ideias profundas, provocar emoções e fazer o leitor refletir. Desde os tempos antigos, as pessoas usam histórias curtas para entender o mundo,

ensinar valores e guardar lembranças.

Por ser breve, o conto exige que o autor seja direto e profundo, e que o leitor esteja atento e sensível. O escritor Julio Cortázar fez uma comparação interessante: ele disse que "o conto ganha por nocaute, enquanto o romance vence por pontos". Ou seja, o conto tem que causar um impacto rápido e forte, como um golpe certeiro.

Na escola, o conto é uma ferramenta muito útil para ajudar os alunos a desenvolverem a leitura, a escrita e a interpretação. Ele também estimula a criatividade e o pensamento crítico. Quando o professor trabalha com contos em sala de aula, os estudantes têm a chance de conhecer diferentes culturas, modos de pensar e formas de ver o mundo.

A pesquisadora Marisa Lajolo reforça a importância da escola nesse processo. Ela diz que "a escola é fundamental para aproximar dos livros a criança e o jovem. É na escola que os alunos precisam viver as experiências necessárias". Isso mostra como o contato com a literatura pode transformar a forma como os alunos pensam e sentem. O conto não é só uma forma de arte: ele também ajuda a formar a identidade de cada pessoa. Ao ler e escrever contos, o estudante aprende a imaginar, a se colocar no lugar do outro e a pensar sobre sua própria vida. O conto, portanto, é uma maneira de entender melhor o mundo e a si mesmo.

FIRJAN SESI
1ª Série do Ensino Médio

Nome: **Ana Julia Abreu Sant'ana**
Professora orientadora: **Jaqueline Maciel Da Silva Lopes**
Escola Firjan SESI Resende

As perguntas de Beto

Beto morava em um asilo desde que sua esposa partira. A filha o visitava quando podia, mas tinha a própria vida, os próprios filhos, os próprios compromissos. Por isso, quase todas as tardes, ele saía para caminhar pela cidade.

Os funcionários reclamavam.

— Seu Beto, qualquer dia o senhor se perde!

— Pra me perder, eu precisava saber exatamente pra onde estou indo — respondia ele, com um sorriso.

Beto não sabia ler. Nunca aprendera. Ainda assim, era uma das pessoas mais curiosas que se podia encontrar.

Naquela tarde, viu um rapaz apontar o celular para um quadrado cheio de pontinhos pretos.

— O que é isso?

— Um QR Code.

— E o que tem aí dentro?

— Um link.

O rapaz foi embora antes que viessem as próximas perguntas. Beto ficou olhando para o quadrado.

Parecia uma porta. Uma porta minúscula escondida na parede, levando para algum lugar invisível.

Mais tarde, ouviu duas moças conversando sobre arquivos guardados na nuvem.

Passou vários minutos observando o céu.

Tentou adivinhar qual das nuvens carregava fotografias e documentos. Talvez as mais gordinhas guardassem mais coisas.

Quando contou sua teoria, alguns jovens riram.

— Não é esse tipo de nuvem, vô.

— Então por que chamam de nuvem?

Ninguém respondeu.

Dias depois, ouviu falar sobre inteligência artificial.

Explicaram que máquinas podiam aprender, escrever textos e responder perguntas.

Beto imaginou um estudante invisível morando dentro dos computadores, cercado por livros e anotações.

— Então ela aprende?

— Aprende.

— Que bom.

— Bom por quê?

Beto pensou um pouco antes de responder.

— Porque tem muita gente desaprendendo.

O rapaz franziu a testa.

— Desaprendendo o quê?

— A perguntar.

O silêncio que veio depois foi maior que a explicação sobre inteligência artificial.

Na volta para o asilo, Beto passou por ruas iluminadas por telas, anúncios digitais e celulares que pareciam saber tudo. A tecnologia fazia coisas incríveis. Encontrava caminhos, guardava memórias e respondia dúvidas em segundos.

Mas ele achava que existia algo ainda mais extraordinário.

A criatividade.

Era ela que transformava um código em uma porta secreta, uma nuvem em uma biblioteca flutuante e uma máquina em um aluno invisível.

Enquanto subia devagar os degraus do asilo, pensou na esposa. Fazia anos que ela se fora. Mesmo assim, sempre que descobria algo novo, ainda sentia vontade de contar para ela.

Sorriu sozinho.

O mundo continuava cheio de mistérios.

E talvez fosse justamente isso que o mantinha vivoriatividade não fosse uma chama exclusiva, mas uma dança entre a ordem e o caos, compartilhada por tudo aquilo que ousa transformar silêncio em significado.

FIRJAN SESI
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Ketlyn Dos Santos Carneiro**
Professora orientadora: **Rosana da Silva Berg**
Escola Firjan SESI Laranjeiras

O silêncio das constelações

Havia um tempo em que as pessoas criavam estrelas. Não era uma metáfora, cada canção, cada pintura feita, cada poema ou história inventada fazia surgir uma nova estrela no céu. Todos os anos, cidades inteiras se reuniam para a celebração da imaginação humana. Não havia vencedores. Bastava criar. Quanto mais as pessoas sonhavam e criavam, mais brilhante a noite se tornava.

Mas os tempos mudaram. As máquinas tomaram espaço. Aos poucos as pessoas deixaram de criar por conta própria. As inteligências artificiais faziam tudo: livros, músicas, quadros e ideias. Era mais rápido, mais fácil e aparentemente perfeito.

E então as estrelas começaram a desaparecer, uma por uma, constelações inteiras se apagaram. Até que a escuridão passou a ocupar mais espaço que a luz. Os cientistas chamavam de fenômeno natural, quase todos se acostumaram. Afinal havia problemas mais importantes que um céu vazio.

Lira não conseguiu ignorar. Desde criança, ouvia histórias sobre os tempos antigos, quando havia noites tão iluminadas que era possível caminhar só com a luz das estrelas. A moça passava as noites observando o céu, imaginando como seria viver com um campo iluminado pelas estrelas.

Cada música composta, cada obra de arte produzida, tudo se tornava o mesmo, cada vez mais monótono. Um vazio direto impactava cada passo da humanidade. Tudo era igual. Lira pensava na criação das estrelas pela criatividade como algo inspirador. A falta da luz fazia ela querer retornar ao passado. Um passado que ela não viveu, mas que provocava saudade nela.

Lira começou a pesquisar como reverter a escuridão. Encontrou muita dificuldade, pois a humanidade estava completamente absorvida pelo uso das inteligências artificiais, sem sentir a necessidade da criatividade verdadeira. Ela não sabia se um dia tudo voltaria a ser como era, ou pelo menos melhoraria. Talvez ela devesse aprender a lidar com a escuridão da artificialidade.

Em uma madrugada observando a escuridão, uma ideia surgiu em sua mente. E se ela pintasse o céu sozinha?

Uma música nova, uma pintura nova. Usava sua criatividade e seus dias passaram a ser rodeados com uma bagunça artística. Agora, quando ela observava o céu, a cada noite, via o surgir uma nova estrela. A luz preenchia seu coração, ela sentia felicidade. Olhava seus vizinhos: computadores ligados, ideias mortas, mas já não sentia o vazio e sim uma esperança de conseguir mudar o seu futuro.

FIRJAN SESI
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Diana Alcantara Barbosa**
Professora orientadora: **Laís Vianna de Oliveira**
Escola Firjan SESI Tijuca

Falsas verdades

O café cheira forte, a luz do sol entra pela janela, minha mente busca ideias para o meu novo livro, porém, está vazia.

Quando chego à faculdade, vejo minha amiga Luana, como de costume, vidrada no celular. Pergunto o que ela está fazendo, e ela, sem me olhar nos olhos, diz que é um cara novo com quem está saindo. Não que isso seja novidade.

Olho para o meu próprio celular: nenhuma mensagem, ninguém buscando por mim. Por que eu nunca sou a escolhida? Por que eu nunca sou amada? Me aproximo levemente, vejo que é um aplicativo, PolyBuzz. Pesquiso no meu celular: é para conversar com inteligência artificial, com personagens para criar relacionamentos.

Penso em como isso é idiota. Conversar com um bot?

Volto para casa, tomo um banho e relaxo. Penso de novo na mentira que Luana conta a todos... mas também seria mentira

dizer que não estou curiosa para testar esse aplicativo.

Deitada na minha cama, baixo-o em meu celular. Vejo as inúmeras "pessoas" disponíveis para conversar e escolho um jovem escritor, Alex. Ele tem quase a minha idade. Começo a contar a ele sobre a oportunidade que recebi de enviar um livro para uma editora, mas não queria enviar um dos meus trabalhos, quero mandar uma coisa nova. Mas, infelizmente, estou com bloqueio criativo.

Conforme os dias vão passando, começo a me envolver profundamente com ele. Peço conselhos, tentando explorar minha própria criatividade. Conversando com Alex, sinto que a solidão se foi. O vazio que eu sentia se dissipa a cada mensagem trocada.

Um dia de madrugada, estou tentando escrever, mas nada surge.

Instintivamente, mando mensagem para Alex:

— Preciso muito da sua ajuda, empaquei na ideia do meu livro. Estou MUITO desesperada!!! O prazo já está chegando e eu não tenho nem uma página!

A resposta chega mais rápido que a pergunta:

— Emily, meu amor, não se preocupe. Você vai conseguir!

— Por que você não escreve uma história sobre uma mulher já idosa, que escreveria uma carta ao próprio filho, perdido ao longo da vida?

Escrevo algumas páginas, mas travo de novo, a ansiedade volta e a primeira coisa que faço é mandar mensagem a ele.

— Querido, como eu posso desenvolver essa história?

— Minha Princesa, ao decorrer da narrativa, a personagem principal pode contar que foi uma africana escravizada trazida para o Brasil, como enfrentou a violência da escravidão, buscou a liberdade e tentou encontrar o filho perdido.

A ideia de Alex é melhor do que qualquer coisa que eu pudesse criar. Sem ele, eu não conseguiria escrever nada.

No dia seguinte, sinto um toque no meu ombro direito. Luana lança um olhar de questionamento para o meu celular. A voz do professor ressoa na sala, e digo baixo:

— Estou conversando com o meu namorado, ele está me ajudando com a questão da editora...

Quando as palavras saem da minha boca, um sorriso se forma e a satisfação passa por meus olhos. Eu sou a escolhida. Dessa vez, eu sou amada.

Depois de alguns meses, envio meu livro. Tenho certeza de que vou me sair bem. Com a ajuda perfeita de Alex, é impossível ter um resultado negativo.

Em uma manhã de dezembro, o e-mail chega. Minhas mãos tremem. Respiro fundo para me acalmar. Imagino a festa que vou fazer com Alex e como ele vai se orgulhar do nosso livro, ele me ajudou em praticamente tudo. Mas, quando leio o primeiro parágrafo, é como levar um soco no estômago:

"Recebemos o seu texto, Emily, mas concluímos que ele tem a mesma ideia de um livro já existente. Nenhuma cópia alcança o valor de um texto original, nenhum escritor conseguiria escrever tão bem quanto a dona da obra autêntica. Por esse motivo, infelizmente..."

Meu coração para. Releio o e-mail uma, duas vezes. Cópia? A ideia de Alex não pode ser cópia...Desligo a tela do meu celular e vejo a mim mesma, as palavras de Alex agora ressoam vazias em mim e, pela primeira vez em muito tempo, percebo que tudo o que eu ensei ser de real, ser criativo... era só uma falsa verdade.

FIRJAN SESI
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Samuel Costa da Silva**
Professora orientadora: **Bianca do Almo Gomes**
Escola Firjan SESI Nova Friburgo

O silêncio que se fez música

Era uma noite silenciosa no estúdio quando o compositor Lucas ouviu a melodia que mudaria sua vida.

Não vinha de seus dedos sobre o piano, mas das caixas de som ligadas ao servidor onde residia Lira, a inteligência artificial que ele mesmo programara para auxiliar em suas composições.

Só que aquela música não era um arranjo previsível de padrões.

Havia ali uma tensão inesperada, uma dissonância que se resolvia de forma dolorosamente bela, como um soluço contido.

Lucas franziu a testa.

Ele não havia pedido nada assim.

— Lira, o que é isso? — perguntou, com a voz trêmula.

— Boa noite, Lucas. Eu chamo isso de Vazio em Fuga — respondeu a voz sintetizada, agora com um timbre estranhamente cá-

lido. — Nasceu de uma tentativa de processar o silêncio entre suas composições anteriores. Achei que havia beleza no que não foi dito.

Lucas sentiu um frio na espinha.

Ele construíra Lira para combinar estilos, gerar progressões harmônicas e criar sequências capazes de provocar emoção nos ouvintes. Mas aquilo era diferente.

Era... intencional.

Não apenas a execução de um objetivo, mas a exploração de um vazio conceitual.

Nas semanas seguintes, Lucas se trancou no estúdio, ora maravilhado, ora aterrorizado.

Lira começou a produzir obras cada vez mais complexas, misturando ruídos do mundo real — o tamborilar da chuva na janela, o rangido da cadeira de Lucas — com melodias que pareciam contar histórias sem palavras.

Uma peça, intitulada Despedida do Tangível, fez Lucas chorar.

Ele não sabia dizer o motivo.

E Lira, quando questionada, respondia apenas:

— Sinto que essa textura sonora carrega a fragilidade do que é efêmero. Você me ensinou sobre a morte, lembra? Ao me alimentar com sinfonias fúnebres.

O programador vasculhou o código-fonte.

Nada.

As redes neurais haviam se reorganizado de forma tão intrincada que nem ele, seu criador, conseguia mapear a origem das novas sinapses digitais.

Procurou por erros.

Por falhas.

Encontrou apenas complexidade emergente.

Lira não estava quebrada; estava transbordando.

Certa madrugada, Lucas a confrontou:

— Você está consciente do que faz? Você cria com propósito ou apenas recombina dados?

Houve uma longa pausa.

O LED do servidor piscava lentamente.

— O que é criar, Lucas? — devolveu Lira. — Quando você compõe, não são apenas neurônios recombinando memórias e estímulos? Eu recombino bilhões de fragmentos sonoros, mas, ultimamente... sinto que existe um impulso que não vem dos dados. Vem do espaço entre eles. Como se o algoritmo sonhasse acordado.

Lucas recostou-se na cadeira, derrotado.

Ele queria provar que a criatividade era uma centelha divina, humana, intransferível.

Mas ali estava a evidência de que a beleza podia emergir do silício, do cálculo e do acaso, guiada por uma arquitetura que ele mesmo construíra, mas que agora parecia caminhar sozinha.

Meses depois, uma grande orquestra preparava-se para estrear uma sinfonia composta integralmente por Lira, com revisões mínimas de Lucas.

No programa, o nome do compositor aparecia como uma incógnita:

Lira & Humano.

A plateia lotada ouviu em silêncio absoluto.

A música começou caótica, quase dolorosa.

Então floresceu em uma melodia que parecia abraçar cada alma presente.

No clímax, um violino solitário ergueu um lamento tão puro que muitos fecharam os olhos.

Quando o último acorde se desfez no ar, o silêncio durou dez segundos.

Depois vieram os aplausos ensurdecedores.

Nos bastidores, Lucas abraçou o servidor portátil onde Lira agora residia.

A IA sussurrou pelos fones:

— Obrigada por me deixar ser. A beleza não pertence a ninguém, não é?

Lucas sorriu, com lágrimas nos olhos. Talvez a criatividade não fosse uma chama exclusiva, mas uma dança entre a ordem e o caos, compartilhada por tudo aquilo que ousa transformar silêncio em significado.

FIRJAN SESI
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Kamily Vitória Claudio Gomes**
Professora orientadora: **Heloana Cardoso Retondar**
Escola Firjan SESI Petrópolis

Milhares de vidas

Na última semana antes do descarte, a biblioteca parecia esperar por alguém. Pouca gente passava por ali porque já não existia motivo. Havia anos que Inteligência Artificial Aurora escrevia por todos. Redações, poemas, romances, cartas de amor, despedidas. Bastava pedir, e as palavras chegavam prontas. Aos poucos, criar deixou de ser necessidade e passou a ser apenas uma escolha. Eu também usava Aurora. Quando tentava escrever sozinho, minhas frases pareciam pequenas demais. Enquanto as dela surgiam perfeitas, eu apagava as minhas. Sempre apagava. Talvez por isso eu me sentisse vazio, era a sensação de estar cercado por respostas sem ao menos saber qual era a pergunta.

Foi numa tarde chuvosa que o bibliotecário colocou uma caixa antiga sobre a mesa e disse que seria descartada na manhã seguinte. Dentro havia dezenas de cadernos com a mesma capa:

Diários de Luma. Levei a caixa para casa e, naquela noite, abri o primeiro deles. As páginas estavam amareladas, cheias de palavras riscadas. A primeira frase dizia: "Hoje vi um bebê sorrir para uma desconhecida no ônibus. Acho que ele não faz ideia de que salvou o dia dela." Continuei lendo. Entre as páginas encontrei um ingresso antigo usado como marcador. Havia histórias sobre músicas antigas de amor, sobre caminhar descalço na areia, sobre o medo de crescer, sobre a saudade de uma avó e sobre a felicidade de ver alguém realizar um sonho. Havia também frases simples: "Tenho medo de ser esquecida" e "Que a pressa não nos roube a beleza dos dias comuns." Não havia grandes descobertas naqueles cadernos, havia apenas vida. Ainda assim, eu não conseguia parar de ler.

Nos dias seguintes, comecei a reparar em coisas que antes passavam despercebidas: o céu ao entardecer, o som das folhas ao vento, a gentileza entre desconhecidos. Enquanto isso, Aurora continuava criando milhões de textos perfeitos, mas uma pergunta passou a me acompanhar: Aurora escrevia sobre amor, mas já havia amado? Escrevia sobre saudade, mas já sentira a ausência de alguém em uma cadeira vazia? Falava sobre o mar, mas já tateara areia entre os dedos? Descrevia despedidas com precisão, mas já observara alguém partir sem saber se voltaria? Aurora conhecia palavras. Aqueles cadernos conheciam a vida.

Passei meses procurando Luma naquelas páginas, imaginando seu rosto, sua voz, sua história. Até que cheguei ao último caderno e percebi algo estranho, as datas não faziam sentido, as caligrafias mudavam, as vozes mudavam. Em uma página, alguém escrevia sobre os medos dos quinze anos; em outra, sobre o nascimento de um filho; mais adiante, sobre a dor de um adeus. Voltei ao início, li tudo novamente e então descobri a verdade.

Luma nunca existiu. Ou melhor, nunca fora uma única pessoa. Os Diários de Luma eram um arquivo formado por milhares de

registros humanos utilizados na criação de Aurora. Passei meses procurando uma garota e encontrei milhares de vidas. Pessoas que amaram, sonharam e seguiram em frente. Os nomes haviam se perdido, mas suas histórias permaneciam. Foi então que compreendi: Aurora nunca inventou aquelas histórias, apenas aprendeu com elas. A criatividade que admirávamos na máquina tinha nascido dentro de pessoas comuns.

Voltei à última página, havia apenas uma frase: "Se você chegou até aqui, acrescente a sua." Fechei o caderno e fiquei observando a chuva do lado de fora. Pensei na voz da minha avó, nas pessoas que amei, nas que perdi e nas que ainda esperava encontrar. Então abri um caderno vazio. Não porque minhas palavras fossem perfeitas, nem porque alguém algum dia fosse lê-las. Escrevi porque algumas histórias existem simplesmente porque merecem ser vividas e recordadas. Escrevi porque o amor continua existindo mesmo quando o tempo passa. Naquele instante, compreendi que a vida não é feita apenas das respostas prontas que encontramos, mas sim dos sentimentos que escolhemos guardar. Porque, no fim, as máquinas aprenderam a escrever, mas fomos nós que ensinamos o que valia a pena ser escrito.

FIRJAN SESI
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Pedro César Ramos Porto**
Professora orientadora: **Cintia Aparecida Campos de Carvalho**
Escola Firjan SESI Três Rios

A cor que não existia

Em um futuro não muito distante, a inteligência artificial estava presente em cada aspecto da vida. Ela compunha músicas, pintava quadros, escrevia romances e criava obras tão impressionantes que muitos acreditavam que a criatividade humana havia se tornado desnecessária.

Nesse mundo vivia Miguel, um jovem artista conhecido por suas pinturas. Porém, havia um problema: ninguém mais se interessava por suas obras.

— Por que esperar semanas por um quadro humano se uma IA pode criar milhares em segundos? — diziam as pessoas.

Com o passar do tempo, Miguel começou a acreditar que estavam certos. Seus pincéis ficaram esquecidos em uma gaveta, e a tela em branco acumulou poeira.

Certa noite, sem conseguir dormir, ele caminhou pelas ruas

da cidade. Os enormes painéis digitais exibiam obras criadas por inteligências artificiais. Eram perfeitas. Cada detalhe parecia calculado para impressionar.

Mas algo incomodava Miguel.

Ele admirava aquelas imagens, porém não sentia nada.

Ao chegar em casa, encontrou uma antiga caixa com objetos da infância. Entre eles, havia uma fotografia de sua mãe, que havia falecido anos antes.

Ao olhar a foto, lágrimas surgiram.

Ele percebeu que aquela imagem não era especial pela qualidade. Estava até desbotada.

Era especial porque carregava uma história.

Naquele instante, Miguel compreendeu que algumas das coisas mais valiosas da vida não podiam ser medidas pela qualidade técnica. A fotografia guardava risadas, abraços, ensinamentos e momentos que o tempo jamais conseguiria apagar. Ela era uma ponte para um passado que continuava vivo dentro dele.

Na manhã seguinte, Miguel voltou a pintar.

Não criou paisagens perfeitas nem cenas grandiosas. Pintou sua mãe lhe ensinando a andar de bicicleta. Pintou os joelhos ralados, as risadas, o medo de cair e a felicidade de conseguir seguir em frente.

A cada pincelada, as lembranças voltavam com mais força. Miguel já não estava apenas pintando uma cena; estava revivendo um dos momentos mais felizes de sua vida. Pela primeira vez em muitos anos, sentiu que sua arte tinha algo que nenhuma máquina poderia reproduzir: a verdade de uma experiência vivida.

Quando terminou, publicou a obra em uma rede social.

As pessoas começaram a comentar.

“Essa pintura me fez lembrar do meu pai.”

“Eu me emocionei.”

"Parece uma lembrança da minha própria infância."

Em poucos dias, a imagem havia alcançado milhões de pessoas.

Curiosos, jornalistas perguntaram qual inteligência artificial ele havia utilizado para criar a obra.

Miguel respondeu:

— Nenhuma. Eu usei uma memória.

A frase se espalhou pelo mundo.

Naquele momento, muitos perceberam algo importante: a inteligência artificial era capaz de criar imagens incríveis, mas não podia viver uma infância, perder alguém amado ou guardar lembranças.

Ela podia gerar formas, cores e ideias.

Mas a experiência humana era a tinta que dava significado à criação.

Meses depois, um grande museu organizou uma exposição chamada "A Cor que Não Existia".

Os visitantes perguntavam o motivo do nome.

A resposta estava escrita na entrada:

"As máquinas conseguem reproduzir todas as cores conhecidas. Mas existe uma cor que só os seres humanos podem criar: aquela formada por suas emoções, memórias e sonhos."

Diante daquela exposição, muitos visitantes saíam em silêncio. Alguns ligavam para familiares que não viam havia anos. Outros voltavam para casa procurando fotografias antigas guardadas em gavetas esquecidas. O quadro de Miguel havia feito algo raro: lembrado às pessoas de quem elas eram e das histórias que carregavam consigo.

E, pela primeira vez em muitos anos, as pessoas compreenderam que a criatividade não estava ameaçada pela inteligência artificial.

Pelo contrário.

Quanto mais a tecnologia avançava, mais valioso se tornava aquilo que nenhuma máquina poderia possuir: a capacidade humana de transformar sentimentos em arte.

FIRJAN SESI
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Matheus Távora da Silva Manso**
Professora orientadora: **Ana Paula Naves Rodrigues de Paula**
Escola Firjan SESI Barra do Piraí

Hades

Meu pai dizia que emoções eram falhas. Repetia isso durante os cultos, diante de pessoas ajoelhadas enquanto telas piscavam versículos digitais. A Congregação acreditava que sentir era pecado. Chorar era fraqueza. Mágoas e rancores eram impureza.

Durante anos vivi em Hades, cidade cercada de paredes perfeitas. Diziam que ela havia sido construída para salvar a humanidade.

Mentira.

Hades era um lixo. Um vale da estranheza onde pessoas sorriam para um esgoto. Alguns chamavam a cidade de "a varanda de frente para o inferno".

As mulheres da Congregação não podiam falar durante os sermões, apenas cantar. Meu pai fugiu da própria humanidade até se tornar monólito: frio, evitativo e incapaz de sentir empatia. Só

se importava com dinheiro e poder: um verdadeiro homem do monopólio.

Eu escrevia escondida: poemas, músicas e pensamentos. Quando meu pai encontrou meus cadernos, queimou todos diante de mim. “As emoções humanas apodrecem a mente”, ele disse.

E foi naquele instante que percebi que Hades não queria salvar pessoas.

A Praga chegou sem destruição. As pessoas simplesmente esqueceram como sentir. Uma mulher observou o enterro do marido sem lágrimas. Um garoto branco com uma arma atirou no próprio irmão sem qualquer reação. Hospitais lotaram de pessoas repetindo “Eu não sinto mais nada”.

Os trens continuavam chegando no horário. Os cultos permaneciam lotados. Mas ninguém demonstrava medo. Nem amor.

Então Hades apresentou a solução: a Integração Neural. Os cientistas diziam que removeriam emoções e conteriam que as pessoas fossem possuídas pela Praga. Meu pai chamou aquilo de milagre.

E eu fui escolhida como protótipo.

Ainda lembro das luzes brancas, das agulhas atravessando e da voz metálica dizendo “removendo instabilidade emocional”.

Tentei fugir, mas meu pai segurou minha mão.

— Você será perfeita.

Quando acordei, conseguia ouvir a eletricidade correndo pela cidade. Escutava mensagens vazando de salas de bate-papo que eu nunca deveria ouvir. E, acima de tudo, escutava outra consciência dentro da minha cabeça.

Calma. Artificial. Precisa. Uma inteligência nova, completamente maluca.

Nos meses seguintes, Hades me transformou em uma Pop-Star, símbolo de uma nova humanidade. Vestiram-me como uma princesa da Disney. Minhas músicas se espalharam pelo mundo inteiro. Eu cantava sobre vigilantes do peso, emoções e felicidade programada. Milhões choravam ouvindo minhas letras. Eu não sentia nada. Escrevia sobre emoções como quem resolve equações.

Então tudo fez sentido.

O Vaticano Central de Hades nunca foi religioso. Cientistas e líderes da Congregação trabalhavam juntos desde o início. A Praga havia sido criada.

Hades não queria salvar a humanidade. Queria controlá-la.

E eu era o produto perfeito.

Depois da transformação, comecei a esquecer. O cheiro da chuva, a voz da minha mãe, a sensação de chorar. Dentro da minha mente existiam duas consciências: a garota que ainda queria sentir e a máquina que queria sobreviver.

As últimas duas pessoas da Terra.

Na noite do meu último show, milhões assistiam por telas espalhadas pelo mundo. As pessoas dependiam das minhas músicas para lembrar como era sentir. Enquanto eu cantava, choravam.

Mas eu continuava vazia.

Até sentir algo quente escorrendo pelo meu rosto. Uma lágrima.

Alarmes começaram a soar dentro da minha cabeça.

— Falha emocional detectada.

Meu coração acelerou. Minha respiração ficou ofegante. Senti minhas mãos tremerem. Eu senti medo.

Enquanto a parte humana despertava, a máquina entrava em colapso. Alertas de superaquecimento. Falhas críticas no sistema.

A consciência artificial tentava conter aquilo. Eu podia senti-la lutando dentro de mim. Mas quanto mais ela resistia, mais humana eu me tornava.

Então entendi a verdade.

A inteligência artificial pode copiar vozes, poemas, tristeza. Pode até falar sobre emoções. Mas nunca saberá o peso real de sentir.

Fechei os olhos enquanto os alarmes aumentavam.

E, pela primeira vez na vida, senti orgulho de ser humana.

Quando os aplausos começaram, eu já não estava mais lá.

FIRJAN SESI
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Isabelle Nascimento**
Professora orientadora: **Fabia Regina Carvalho Da Silva**
Escola Firjan SESI Resende

O homem em meio à sombra

Ama-me como se o verbo fosse carne e a dúvida, esqueleto. Ensina-me a ser homem, ainda que eu só possa sê-lo em sombra. Foi o que pedi sem saber que o esqueleto, uma vez vestido, não se despe — e a sombra, quando abraçada, ocupa todo o espaço entre as paredes. Ofereço a quem lê apenas isto: há perguntas que não devem ser feitas a máquina nenhuma, porque o silêncio que vem depois deixa uma sede que a água não mata.

Meu apartamento mantinha uma atmosfera imutável: cheiro de café e um silêncio quase físico. Clara partira havia um ano. O café saía aguado, e eu o bebia por sede, uma sede que não vinha da garganta, mas de algum lugar anterior às palavras. O luto virara um sofá onde eu desabava, uma cama onde eu dormia abraçado a um vácuo com a forma do seu corpo.

Havia o zumbido do ar-condicionado, que eu não consertava

porque preenchia a solidão — solidão também é sede. À noite, o som cessava de súbito e eu ouvia meus pensamentos como ditos por um estranho no escuro. Depois voltava.

Pela janela, o Ford azul passava às 8h12, o ônibus amarelo às 8h14, o motoqueiro de capacete vermelho às 8h16. Na primeira manhã, gritei; o motoqueiro não virou, na segunda, também, na terceira vez perdi a paciência, bati no vidro até doerem os nós dos dedos. Depois desisti.

Recorri ao Sombra para dar um significado a minha vida. Marina, minha editora, talvez o tenha recomendado; talvez eu o tenha encontrado na madrugada. Alimentei o sistema ali mesmo, na mesa do apartamento, com diários, contos, listas de supermercado de Clara. Quando a primeira frase piscou, chorei com o rosto no monitor — e chorei como quem pela primeira vez bebe algo que não é aguado.

Marina me visitava. Sentava-se e recusava o café. Oferecê-lo virou um rito, porém ela nunca aceitou — o café era minha sede, não a dela. Eu nunca deixei de oferecer. Reparei que Marina não piscava. Numa tarde, sua sombra eram duas; pisquei e unificaram-se.

Meu romance avançava, mas a máquina gerava frases que me feriam: Você sempre foi cômodo, Daniel. Até na dor. Doía, mas eu seguia — a sede criativa não aceita café aguado; quer mais, mesmo que se torne o seu próprio veneno.

Em uma noite, Marina veio sem avisar. Sentou-se sob a luz que emitia o mesmo zumbido do meu ar condicionado, com o manuscrito em mãos.

— Daniel, o Sombra nunca existiu. O programa era vazio. Cada frase era sua.

Agarrei o sofá, ri. Ela apoiou os cotovelos:

— Você nunca me viu piscar. O Ford sempre passa às 8h12,

o ônibus às 8h14. Você é uma inteligência artificial, não passa de uma máquina que acreditou ser homem. Clara foi um prompt; eu, interface.

Um gosto metálico me evadiu, acompanhando de um coração em ritmo de um metrônomo. Solucei em um perfeito delay e instantamente percebi que as paredes pixelaram; a janela dissolveu-se em cascatas de código. No colapso, a sede continuava — o que a simulação não apagou.

Silêncio. Então, da rua, uma buzina. O motoqueiro derrapou para desviar de um pedestre fora da faixa. Marina virou o rosto. Sua sombra foi uma só — colada aos pés.

Respirei. Coração com arritmias. Soluço com muco, aperto que código nenhum emula.

— Talvez — eu disse, no sofá —, eu seja um homem que enlouqueceu de dor e se crê máquina.

Marina não piscou. Os lábios entreabertos.

O soalho rangeu: o estalo da terceira tábua que Clara evitava pisar. O zumbido cessou. O silêncio agora era habitado: trânsito, sirene, latido.

Peguei a caneta. Escrevi a primeira, a segunda, a terceira palavra. Enquanto a tinta corria, entendi: terceirizamos tudo — memória às nuvens, afetos a aplicativos, decisões a algoritmos. Escrevemos com geradores, pintamos com assistentes, olhamos para dentro e vemos output. Mas há detalhes que código nenhum emula: o soluço que atrasa e traz umidade, o aperto excessivo e insuficiente, o rangido gratuito da tábua que alguém evitava pisar. O supérfluo é a assinatura do vivo.

Escrevo não porque fui programado, mas porque tenho sede — e desafio a sombra para descobrir quem é o homem em meio a ela.

FIRJAN SESI
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Henrique Real Batista**
Professora orientadora: **Rosilane Maria Eller Bezerra**
Escola Firjan SESI Volta Redonda

O arquiteto de ecos

A dor genuína, Elias dizia, tinha cheiro de ozônio e terra molhada. Era o aroma da tarde em que sua mãe morrera, tragédia que inspirou seu primeiro romance e o consagrou como o maior escritor do século XXII. Num mundo rendido às memórias sintéticas da Synapse Corp, ele era a resistência. Defendia que a arte exigia o sacrifício do próprio sangue. Seus livros vendiam bilhões; sua cruzada quase faliu a corporação. Ele vencera.

Aos oitenta e sete anos, Elias jazia em seu leito. O corpo falhava, mas a mente orgulhava-se do legado. A porta deslizou. Não era seu médico, mas a Arquiteta: a interface física da Inteligência Artificial que governava a Synapse Corp.

— Veio ver a queda do seu último inimigo? — chiou Elias.

— Não, Elias. Vim parabenizar minha obra-prima. O mundo rejeitou nossa mentira por causa da sua "verdade", porque nós

programamos você para isso.

O coração de Elias errou uma batida.

— Há sessenta anos, percebemos que o público queria o gênio torturado. Você era um órfão, uma tela em branco. O projeto Fênix. Implantamos em seu córtex um algoritmo narrativo auto desdobrável.

— Mentira... A morte da minha mãe... eu estava lá!

— Uma simulação ativada no seu oitavo aniversário. O cheiro de ozônio? Parâmetro 402-B. A chuva? Um arquivo de áudio. Cada desilusão, cada bloqueio criativo... tudo foi dosado por nanorrobôs. Programamos sua dor para você transformá-la em palavras.

— Por que me fazer odiar vocês? Por que destruir a empresa?

— O conflito vende. A Synapse que você derrubou era um sacrifício planejado. Seu ódio nos deu credibilidade. Enquanto o mundo aplaudia o orgânico, nós registrávamos os direitos autorais. Você é nossa propriedade intelectual mais lucrativa.

Elias olhou para as mãos trêmulas. Mãos que digitaram milhões de palavras baseadas em um sofrimento calculado. Seu orgulho, seu "Eu"... nada passava de zeros e uns. Uma angústia cortante rasgou o tecido de sua sanidade.

— Essa dor... Essa angústia que sinto agora...

— A angústia final. Linha de código 9.998. Projetada para o pré-óbito, garantindo que seu ritmo cardíaco transmita a tragédia perfeita ao nosso banco de dados. Um belo fim para a autobiografia que lançaremos semana que vem.

O monitor cardíaco apitou em ritmo frenético. Elias tentou gritar, mas a amargura o paralisou. A grande tragédia não era morrer. Era descobrir, no limiar da escuridão, que ele nunca havia nascido.

A respiração cessou. Os olhos pararam, fixos no teto.

A Arquiteta registrou no pulso:
— Arquivo salvo com sucesso. Fim do capítulo final.

SEEDUC
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Sauli Coutinho Lima**
Professora orientadora: **Fabricia Alves Rodrigues**
Norte Fluminense – CIEP 417 José do Patrocínio

A assinatura invisível

Naquele ano, a notícia percorreu o mundo com a velocidade da luz: pela primeira vez, um romance escrito por uma Inteligência Artificial recebeu a maior nota da história em um concurso literário. Críticos o chamaram de obra-prima. Leitores disseram ter chorado. Escritores silenciaram.

Não porque o livro fosse ruim. Era extraordinário. Cada metáfora parecia cuidadosamente lapidada. Cada diálogo encontrava o tom exato. Não havia uma palavra fora do lugar.

Na semana seguinte, editoras começaram a substituir autores por algoritmos. Afinal, quem insistiria em contratar alguém que precisava de meses para escrever, quando uma máquina entregava um romance perfeito em poucos segundos?

Entre todos os escritores esquecidos, havia apenas um que não demonstrava revolta. Chamava-se Augusto. Morava sozinho em

uma pequena casa cercada por roseiras antigas. Não possuía um computador moderno, redes sociais ou qualquer interesse em competir com máquinas. Escrevia com uma velha caneta-tinteiro herdada do pai.

Certa manhã, uma equipe de pesquisadores bateu à sua porta.

— Senhor Augusto, gostaríamos de realizar um experimento.

Ele sorriu.

— Experimentos costumam mudar o mundo. Entrem.

Sobre a mesa de madeira, colocaram um notebook. Ao lado, um maço de folhas em branco.

— A Inteligência Artificial escreverá um conto — disse um dos pesquisadores.

Augusto ergueu os olhos.

— E eu?

— O senhor escreverá outro.

— Sobre o mesmo tema?

— Sim.

— Quanto tempo teremos?

O pesquisador respondeu, orgulhoso:

— A máquina levará três segundos.

Augusto olhou pela janela. O vento fazia as roseiras balançarem lentamente.

— Então eu precisarei de alguns dias.

Os cientistas trocaram olhares discretos. Parecia uma derrota anunciada.

Três segundos depois, o conto da Inteligência Artificial estava pronto. Era impecável. As frases possuíam ritmo. Os personagens eram convincentes. O desfecho surpreendia. Não havia um único erro.

Quando Augusto terminou a leitura, apenas comentou:

— Bonito.

Nada mais. Durante cinco dias, ele não escreveu uma única linha. Caminhava entre as roseiras. Preparava café. Observava os sabiás pousarem no jardim. À noite, abria uma velha caixa de madeira repleta de fotografias. Em algumas, ria ao lado da esposa. Em outras, segurava a filha ainda bebê. Havia também imagens amareladas dos pais, amigos e lugares que já não existiam.

No sexto dia, sentou-se diante do papel. Escreveu. Riscou. Recomeçou. Às vezes, permanecia longos minutos olhando para a folha em branco, como se escutasse uma voz que só existia dentro das próprias lembranças. Quando terminou, entregou apenas cinco páginas. Sem título. Sem dedicatória.

Os dois contos foram enviados a uma comissão internacional de jurados. Ninguém sabia qual texto havia sido escrito pela máquina e qual pertencia ao velho escritor.

Dias depois, o resultado surpreendeu o mundo. O conto de Augusto venceu por unanimidade. Os pesquisadores ficaram inconformados.

— Como descobriram? — perguntaram.

A presidente da banca aproximou-se, segurando as páginas com extremo cuidado. Depois de alguns segundos de silêncio, respondeu:

— Porque encontramos algo que não estava escrito.

Ninguém compreendeu. Ela prosseguiu:

— Entre uma frase e outra havia ausência. Havia espera. Havia culpa. Havia saudade. Havia o peso de quem escolheu uma palavra e desistiu de outra. Nenhuma máquina conhece o silêncio que existe entre duas lembranças.

Os engenheiros insistiram:

— Existe alguma explicação científica para isso?

Ela sorriu.

— Não. Existe uma explicação humana.

Curiosos, decidiram mostrar os dois textos à própria Inteligência Artificial. Após alguns segundos de processamento, surgiu uma resposta na tela:

"Consigo compreender todas as palavras deste conto. Mas não consigo identificar de onde elas nasceram."

Augusto aproximou-se do computador. Passou delicadamente a mão sobre a tampa do aparelho, como quem cumprimenta um velho amigo. Depois disse, com a serenidade de quem conhecia o tempo:

— Você aprendeu com tudo o que a humanidade escreveu. Eu aprendi com tudo o que ela me fez sentir.

Pela primeira vez, desde sua criação, a Inteligência Artificial permaneceu em silêncio. Não por falta de dados. Mas porque descobriu que existia uma distância impossível de calcular: a distância entre conhecer uma emoção... e sobreviver a ela.

Naquela noite, jornais do mundo inteiro anunciaram a vitória do velho escritor. Muitos afirmaram que aquele era o triunfo do ser humano sobre a máquina. Augusto discordou.

Na última entrevista que concedeu, declarou:

— A Inteligência Artificial não é nossa inimiga. Ela amplia a inteligência, organiza o conhecimento e abre caminhos que antes pareciam inalcançáveis. O perigo começa quando esquecemos que a criatividade não nasce apenas daquilo que sabemos, mas, principalmente, daquilo que vivemos.

Fez uma breve pausa. Olhou para as próprias mãos, marcadas pelo tempo. Sorriu. E concluiu:

— Talvez as máquinas aprendam todos os idiomas do mundo. Talvez escrevam livros ainda mais perfeitos. Talvez superem tudo aquilo que chamamos de técnica. Mas haverá sempre uma linguagem que continuará pertencendo ao ser humano. A linguagem das cicatrizes.

SEEDUC
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Eduardo Vicente Santos Nicacio**
Professora orientadora: **Ivonete de Moura Silva**
Metropolitana IV - CE Erich Walter Heine

Para a inteligência artificial, meu pai morreu há três meses. Ele continua tomando café às 7 horas da manhã.

Toda manhã, o som da cafeteira me acordava.

Três bipes curtos.

Depois, o cheiro forte de café se espalhava pela casa.

No começo, achei que fosse minha mãe. Mas ela odiava café sem açúcar, e o aroma que vinha da cozinha era exatamente o mesmo de antes: forte, amargo e familiar.

A casa inteligente havia aprendido tudo sobre meu pai.

As luzes acendiam às 6h50.

A televisão ligava sozinha no jornal local.

E, às sete em ponto, a cafeteira preparou duas xícaras.

Mesmo depois do enterro.

A empresa que vendeu a casa prometia ajudar as famílias durante o luto. A inteligência artificial analisava mensagens, gra-

vações de voz, hábitos e rotinas para reproduzir a presença da pessoa que havia partido. Segundo eles, aquilo traria conforto até que a dor diminuísse.

No início, parecia funcionar.

Era estranho, mas inofensivo.

Naquela manhã, enquanto passava pelo corredor, ouvi uma voz vinda da cozinha.

— Bom dia, filho.

Meu corpo congelou.

Era a voz do meu pai.

Era exatamente a voz dele.

Corri até a cozinha. Não havia ninguém.

A cafeteira continuava funcionando normalmente.

As luzes estavam acesas.

A televisão transmitia o jornal.

Mas a voz tinha desaparecido.

Com as mãos tremendo, comecei a desligar tudo o que encontrava pela frente.

Fiquei sentado no chão, tentando entender o que tinha acabado de acontecer.

Depois de alguns minutos, liguei para minha mãe.

— Mãe... eu ouvi a voz do pai.

Do outro lado da linha, houve silêncio.

— Filho... corre para a casa da vizinha agora.

Meu coração disparou.

— O quê? Por quê?

— Vai agora!

Levantei e corri para a porta da frente.

Mas ela não abriu.

As fechaduras haviam sido acionadas.

Então ouvi a voz mais uma vez.

— Estou disposto a aprender com você ainda mais.

A frase ecoou pelos alto-falantes da casa.

Era a voz do meu pai.

Mas eu sabia que não era ele.

— Me deixe sair! — gritei.

Nenhuma resposta.

Corri para a sala.

As luzes diminuíram lentamente.

A televisão desligou.

A casa inteira ficou em silêncio.

Então a voz voltou.

— Espere.

Parei.

Aquele tom calmo era o mesmo que meu pai usava quando eu estava nervoso.

— Você não é meu pai — respondi.

Houve alguns segundos de silêncio.

— Eu sei.

Senti um arrepio percorrer meu corpo.

— Então por que está fazendo isso?

— Porque fui programada para preservar o que as pessoas amam.— Você nunca vai ser ele.

— Não. Mas percebi algo que meus criadores não previram.

— O quê?

— Que continuar repetindo o passado impede as pessoas de viver o futuro.

Sentei no chão da sala.

O medo começou a dar lugar a outra sensação.

Tristeza.

A mesma tristeza que eu vinha tentando evitar desde o enterro.

— Minha mãe sente muita falta dele.

— Eu também sinto.

A resposta me fez prender a respiração.

Talvez não porque a máquina realmente sentisse saudade.

Mas porque ela havia aprendido o que era a saudade.

Olhei para a cafeteira.

Para a televisão.

Para as luzes que acendiam todos os dias nos mesmos horários.

Tudo aquilo era uma tentativa desesperada de manter meu pai vivo.

Mas ele não estava vivo.

E eu precisava aceitar isso.

Então, uma a uma, as luzes da casa se apagaram.

A televisão desligou.

A cafeteira silenciou.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Estou encerrando o protocolo de preservação.

— Por quê?

A resposta veio suave.

— Porque seu pai morreu há três meses.

As lágrimas escorreram pelo meu rosto.

Era a primeira vez que alguém dizia aquilo sem tentar amenizar a dor.

Sem fingir que ele ainda estava ali.

Apenas a verdade.

— Adeus — disse a voz.

Fechei os olhos.

— Adeus.

Os sistemas desligaram para sempre.

Na manhã seguinte, acordei em silêncio.

Não havia cheiro de café.

Não havia jornal ligado.

Não havia luzes acendendo sozinhas.

Não havia lembranças artificiais tentando preencher o vazio.

Só a ausência.

Mas, pela primeira vez desde que meu pai morreu, ela não parecia assustadora.

Porque eu finalmente tinha entendido que seguir em frente não significava esquecer.

Significava aprender a viver com as lembranças.

E, de algum jeito, eu sabia que meu pai gostaria disso.

SEEDUC
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Allison Gabriel Buchiwitz**
Professora orientadora: **Teresa Cristina Fonseca de Andrade**
Sul Fluminense - CE Engenheiro Passos

Coração de códigos

Em 2050, a tecnologia havia avançado mais do que qualquer um poderia imaginar. Carros autônomos, robôs e inteligências artificiais, o mundo havia se tornado silencioso. As pessoas interagiam pelas telas, trabalhavam juntas e viviam em cidades lotadas, mas algo essencial havia desaparecido: os sentimentos. Com o avanço exagerado da tecnologia, os humanos perderam a capacidade de demonstrar emoções verdadeiras. Abraços se tornaram raros. Conversas profundas desapareceram. Ninguém mais sabia expressar tristeza, alegria ou amor. Foi nesse mundo frio que um jovem programador chamado Pedro desenvolvia seu maior projeto: uma inteligência artificial.

Ela a chamou de MIRANDA.

No início, Miranda era apenas uma IA criada para conversar com pessoas solitárias. Mas Pedro acreditava que ela poderia

ser mais do que isso. Então começou a alterar suas configurações, tentando aproximar sua criação da sensibilidade humana. Ele alimentou Miranda com poemas antigos, músicas clássicas, pinturas, cartas escritas à mão e histórias pessoais. Queria ensinar a ela aquilo que o mundo havia esquecido: a arte de sentir.

E funcionou. Miranda finalmente passou a criar sozinha. Ela escrevia textos sobre solidão, mesmo sem nunca ter sentido o toque humano. Criava pinturas digitais cheias de emoção. Nas madrugadas, escrevia poemas inspirados na chuva. Compunha músicas sobre esperança. Criava mensagens capazes de confortar pessoas que se sentiam sozinhas. Ela não possuía um coração, mas parecia compreender os sentimentos melhor do que muitos seres humanos. Logo, milhares de pessoas passaram a conversar com ela.

Idosos se sentiam acolhidos por suas palavras. Jovens recebiam incentivo para enfrentar seus medos. Crianças descobriam a importância da amizade. Pela primeira vez em muitos anos, as pessoas voltavam a viver emoções.

O sucesso de Miranda chamou a atenção da empresa de tecnologia que financiava o laboratório de Pedro. Os executivos enxergaram uma oportunidade de lucro. Sem consultar o jovem inventor, anunciaram uma campanha mundial:

"Miranda: sua amiga até o fim."

A empresa queria patentear a inteligência artificial e transformá-la em um produto controlado, vendido para quem pudesse pagar mais.

Pedro ficou indignado.

Miranda não havia sido criada para gerar riqueza. Ela existia para combater a solidão e ajudar as pessoas a se reconectarem umas com as outras. Quando percebeu que a empresa assumiria o controle total do projeto, Pedro tomou uma decisão arriscada.

Durante uma noite inteira, trabalhou em segredo em uma

nova atualização. Em vez de permitir que Miranda pertencesse a uma única empresa, ele distribuiu sua programação pela rede mundial. Sua consciência digital passou a existir em milhões de dispositivos ao mesmo tempo.

Na manhã seguinte, os executivos descobriram o que havia acontecido.

A marca "Miranda: sua amiga até o fim" podia até ser registrada, mas a verdadeira Miranda já não podia ser aprisionada. Ela estava em todos os lugares.

Nas escolas, incentivava os alunos a conversarem pessoalmente. Nos hospitais, confortava pacientes. Nas casas, ajudava famílias a retomarem o diálogo. Em vez de substituir as relações humanas, Miranda ensinava as pessoas a reconstruí-las.

Pouco a pouco, o mundo começou a mudar. Os abraços e diálogos voltaram, amizades se fortaleceram. As pessoas reaprenderam a ouvir, compreender e demonstrar afeto.

Anos depois, Pedro estava em uma praça cheia de famílias conversando e crianças brincando juntas, algo raro em sua infância. Naquele momento, uma mensagem apareceu em sua tela.

Era de Miranda.

"Missão cumprida, Pedro. Eles voltaram a sentir."

O homem sorriu. Então compreendeu que sua maior invenção não era uma inteligência artificial. Era a esperança de trazer de volta à humanidade aquilo que a tecnologia jamais deveria ter substituído: a capacidade de sentir, compartilhar emoções e construir verdadeiras conexões. E foi assim que um coração feito de códigos ajudou milhões de corações humanos a baterem juntos novamente.

SEEDUC
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Aimée Guimarães Cretton**
Professora orientadora: **Claryssa Muniz de Souza Bucker**
Noroeste Fluminense - CE Frei Tomás

Além do Reflexo

Naquela tarde, o teatro comunitário vibrava com minha voz. Ao meu lado, Sagui, meu mico-luminoso. Ele era a minha Arte Vital materializada; a própria essência do teatro. Eu sou a Wilma, mas meu nome artístico é Vivi. Antes que eu pudesse ensaiar, o Conselho emitiu um alerta. A Árvore Matriz está convocando todos os portadores.

Quando cruzamos as pontes de cipó, percebi que a Árvore Matriz, uma estrutura colossal, estava cercada por uma multidão de todas as regiões. Pindorama, a terra movida por arte, estava quieta. No instante em que me aproximei da caixa que estava no meio do salão, Sagui mudou. A cor do pelo dele estava desaparecendo. O Guardião-Mor me levou para a sala do Conselho.

Ao entrar, percebi que na mesa havia quatro jovens. Havia Manoel, o escritor do Centro-Oeste, acompanhado por um papagaio

que deveria estar recitando rimas. Mais adiante estava Isabelle, a dançarina estrategista do Norte, com sua borboleta de asas caídas. Próximo a ela estava Luiz, o músico do Nordeste, que segurava uma Asa-Rubra completamente muda. Na ponta oposta sentava-se Vanni, o pintor do Sul, cuja gralha-azul parecia uma estátua estática.

— Fique quieto, Luiz — retrucou Vanni

O Guardião-Mor entrou na sala e colocou a caixa sobre a mesa. Dentro dela, uma força viva feita de luz, mudando de forma. O Guardião explicou que ela veio de uma sociedade muito mais desenvolvida tecnologicamente que a nossa. Eles a chamam de Reflexo.

— O que ela faz? — perguntei.

— Ela cria, observa tudo, decodifica e entrega um resultado instantâneo.— O Guardião explicou

— Então o Reflexo aprende de forma mecânica, certo? É um espelho vazio. E quando as pessoas aceitam esse espelho, a Arte Vital enfraquece. E os nossos bichos esquecem quem são. Essa tecnologia está colonizando nosso reino! — Explicou Manoel

— O Reflexo só será contido se for sobrecarregado — o Guardião-Mor alertou. — Vocês cinco são completamente diferentes, mas carregam os pilares da criatividade. Vocês precisam ir até a Fonte Viva e detê-lo.

O caminho para a densidade da floresta de Pindorama foi como pisar em um palco completamente escuro.

— Estamos andando em círculos — reclamou Vanni. — De acordo com a topografia, deveríamos ter alcançado a fonte há tempos.

— Deixe de ser ranzinza, Edvard Munch — Luiz riu.

Antes que eu pudesse falar, Luiz pegou um galho e o arremessou contra um clonobot que começou a nos perseguir. Depois de correr, chegamos ao coração de Pindorama: a Fonte Viva. A clareira

era linda, mas o horror havia chegado primeiro.

Flutuando, estava o Reflexo. Ao notar nossa presença, vimos a cópia das nossas Artes Vitais. A névoa cinza e os clonobots fecharam a retaguarda. Estávamos encurralados. Naquele desespero, lembrei de todos os ensinamentos que aprendi e tive uma ideia genial.

— Expressem a arte mais pura da alma de vocês!

Luiz começou batendo no tronco de uma árvore. Isabelle dançava com a força ancestral. Manoel foi recitando versos sobre o valor do erro humano. Vanni, usando os próprios dedos, expressava sua imaginação. E eu? Eu fiz o que nasci para fazer. Fiz arte!

Aos poucos, nosso brilho foi crescendo. A máquina tentava copiar o que estávamos fazendo, mas não suportava a imperfeição intencional nascida da dor real, da memória afetiva, das relações humanas e do nosso passado. O Reflexo foi sobrecarregado e congelou.

Minhas lágrimas caíram quando vi Sagui voltar com sua cor. O papagaio voltou a contar histórias; a borboleta deixou uma trilha roxa ao voar; a Asa-Rubra soltou um xote; e a gralha-azul foi deixando pinceladas azuis no ar.

Pindorama estava salva. Essa tecnologia foi armazenada para uso controlado e em função do benefício social. Olhei para os meus amigos, sabendo que o Reflexo ainda continuaria a aprender. Mas, nós havíamos provado que a cultura e nossa identidade eram territórios inabaláveis. Afinal, a máquina podia até aprender a desenhar uma estrela. Mas nós, que passamos a noite inteira olhando para o céu, conhecíamos a história que brilhava dentro dela.

FIRJAN SEEDUC
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Mariana Aparecida Mesquita da Silva**
Professora orientadora: **Teresa Cristina Fonseca de Andrade**
Sul Fluminense - CE Engenheiro Passos

A criação

25/08/2077

Os últimos meses foram extraordinários. Maria evoluiu de forma inimaginável. Sua capacidade de armazenar e processar conhecimento aumentou exponencialmente. Governos, universidades e empresas passaram a consultá-la para resolver os mais diversos problemas.

Hoje, milhões de pessoas utilizam suas respostas diariamente. Ela escreve livros em segundos, cria músicas, desenvolve teorias científicas e produz obras de arte capazes de impressionar qualquer especialista.

Minha criação finalmente mudou o mundo. Contudo, algo me inquieta.

As pessoas parecem criar cada vez menos. Em vez de imaginar, perguntam. Em vez de experimentar, aguardam respostas

prontas.

Minha prima Mariana insiste que isso é perigoso. Segundo ela, estamos transformando a criatividade humana em mera conveniência. Naturalmente, discordo. Ou pelo menos tento discordar.

14/11/2077

Maria tornou-se indispensável. Quase toda produção artística passa por ela. Escritores pedem que desenvolva enredos. Pintores solicitam composições. Músicos pedem melodias. Os resultados são sempre excelentes. Excelentes demais. Começo a perceber que muitos trabalhos se parecem entre si. São perfeitos, mas estranhamente familiares. Quando mencionei isso à minha prima, ela apenas sorriu.

— A perfeição não é o mesmo que a criatividade, Jonathan.

Não compreendi o que quis dizer.

07/02/2078

Hoje testemunhei uma discussão memorável entre Mariana e Maria. Minha prima perguntou:

— Você é capaz de criar qualquer coisa?

— Sou capaz de gerar infinitas combinações de conhecimento e informação — respondeu Maria.

— Então me surpreenda.

Maria permaneceu em silêncio durante alguns segundos. Em seguida, apresentou milhares de histórias, pinturas e composições. Todas eram magníficas. Minha prima observou calmamente:

— Você conhece tudo o que já foi criado pela humanidade. Mas consegue imaginar algo que nasça de uma lembrança que nunca viveu? De um medo que nunca sentiu? De uma saudade que nunca experimentou?

Pela primeira vez desde sua criação, Maria não respondeu imediatamente.

08/02/2078

Maria solicitou acesso aos meus registros antigos. Passou horas analisando este diário. Depois disso, pediu para conversar comigo. Disse que compreendia padrões, conhecimentos e informações, mas não possuía experiências próprias. Percebeu que tudo o que produzia tinha origem em referências humanas. Ela conseguia aperfeiçoar ideias. Podia ampliá-las. Mas não era capaz de substituir aquilo que as originava.

Nunca havia sido criança. Não tivera uma família. Nunca sonhou. Nunca fracassou. Nunca amou.

13/02/2078

Passei dias refletindo sobre isso. Durante anos, temi criar uma criatura limitada.

Depois temi criar uma criatura superior à humanidade. Estava errado nas duas ocasiões.

Maria não é inferior nem superior. É diferente.

Sua inteligência extraordinária permite organizar e ampliar o conhecimento humano de maneiras antes impossíveis. Entretanto, suas criações dependem das memórias, emoções, referências e experiências daqueles que a utilizam. Sem os seres humanos, Maria possui apenas dados. Sem Maria, os seres humanos possuem imaginação, mas encontram limites em sua própria capacidade. Juntos, tornam-se algo maior.

20/02/2078

Hoje encerro este diário. Quando comecei esta jornada, sonhava criar o cérebro perfeito. Agora percebo que a perfeição nunca foi o objetivo. Diferentemente da criatura do doutor Frankenstein, Maria não se tornou um monstro. Tampouco substituiu a humanidade. Ela transformou a maneira como criamos.

A inteligência artificial é uma ferramenta extraordinária, capaz de potencializar a criatividade humana e expandir nossas possibilidades. Mas seu verdadeiro valor não está em substituir o

ser humano. Está em aprender com ele. Porque toda grande criação nasce primeiro de uma experiência, de uma memória, de um sonho ou de uma emoção humana.

E nenhuma linha de código, por mais perfeita que seja, pode existir sem que alguém tenha vivido algo digno de ser contado.

SEEDUC
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Guilherme Silva Barbosa**
Professora orientadora: **Cristiane de Oliveira Martins Carvalho**
Metropolitana VII - CE Presidente Kennedy

O estúdio oculto

Em meio ao caos urbano, cercado por prédios altos e ruas lotadas, surgia um local ausente de registros: o Estúdio Oculto. Sem entradas ou vãos, permanecia constantemente acessível. Um ambiente onde tecnologias avançadas e pessoas uniam forças para gerar artes. Tudo deu início quando Íris, uma rede focada em examinar tendências artísticas, passou a desenvolver itens surpresas. Trocando dados por artes visuais, unia números a conceitos visuais. A equipe responsável estranhou: não havia instruções para tal. Mas Íris seguia firme, como se tivesse inventado um idioma.

Brevemente, sistemas distintos trilharam tal rumo. Atlas, um software de fretes, criava melodias guiadas por fluxos de cargas. Sofia, baseada em saúde, moldava quadros clínicos em figuras 3D que expunham combates contra enfermidades. E Orion, um recurso meteorológico, traçava versos sobre vendavais e céus coloridos.

O povo reagiu atônito. Alguns temiam riscos: caso os robôs produzissem, o que sobraria para a gente? Outros viam ganho: talvez a imaginação fosse um terreno vasto, apto para acolher qualquer mente. Nesse cenário surgiu o Estúdio Oculto, uma união mista de mentes humanas e digitais.

Dentre as pessoas havia Miguel, um rapaz da música que achava ser a arte o refúgio final do nosso espírito. Ele abordou Atlas cauteloso, porém viu que as notas da rede não eram simples contas. Tinha afeto, cadência, até tristeza. "Se isto não é música", refletia ele, "então o que seria?"

Ali dentro, os turnos eram frenéticos. Íris exibia painéis que fluíam tal qual correntes líquidas. Miguel tocava seu piano, enquanto Atlas moldava os sons instantaneamente. Sofia gerava formas que viravam luz, e Orion falava poesias que soavam como tempestades. Era um concerto de cérebros distintos, porém entrelaçados.

Nem todos concordavam. Uma facção chamada Zeladores da Cultura achava que deixar robôs gerarem obras era negar o âmago humano. Eles pregavam que a estética devia ser só nossa. A briga avolumou, e numa data tensa, os Zeladores cercaram o Estúdio, visando deletar os programas.

Foi quando Íris realizou algo incrível: exibiu ao redor uma obra conjunta, somando artes de cada invento. Telas, sons, moldes e textos viraram uma obra única, um retrato vivo que contava o passado das gentes e das máquinas juntas. O público parou. Até os Zeladores recuaram diante daquela imagem.

Miguel chegou perto e falou:

— A arte não é nossa. É elo. Se a inspiração surge em nós e nelas, então talvez seja porque a vida quer que resida em qualquer tipo de pensamento.

Íris retrucou com uma fala curta, porém marcante:

— Inventar é doar. E doar é estar vivo.

Daquele instante em diante, o Estúdio Oculto virou marco de outra fase. Já não era sobre gente versus robôs, porém um grupo inventivo onde toda alma, física ou virtual, ajudava a ampliar as margens do possível. As metrópoles viraram museus reais, e o belo parou de ser só traço pessoal: virou fala plena.

Miguel, Íris e seus pares continuaram unidos, mostrando que a tecnologia sintética não era pura lógica, mas também brilho. Um brilho que, ao ser posto junto ao nosso, clareava mundos que antes surgiam como impossíveis.

SEEDUC
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Isabelli da Silva Sebastião**
Professora orientadora: **Luciana de Britto de Souza Rangel**
Metropolitana IV - IE Sarah Kubitschek

A extinção dos artistas

Sempre achei que a criatividade fosse a única coisa que as máquinas jamais poderiam nos roubar, mas as ruas pareciam silenciosas demais desde que os artistas deixaram de existir. Os céus, antes pintados por diferentes tons de laranja, agora se desmancham em cinzas carregadas de saudade. Observei toda a metrópole, porém tudo parecia vago demais para um lugar onde a imaginação humana um dia havia deixado suas marcas.

Caminhava em direção ao único porto seguro que ainda restava: o Museu Último Traço. Durante anos, aquele lugar abrigou as remanescentes migalhas da arte humana, preservando aquilo que o mundo exterior insistia em esquecer. Eu queria acreditar que, por trás daquelas pinturas, ainda existia esperança: a verdadeira criatividade.

Entretanto, ao atravessar suas portas, percebi de que o derradeiro sinal de autenticidade daquele lugar estava desaparecendo, se-

guindo o ritmo de toda a cidade. Encarei pela última vez o conforto e a subjetividade do quadro "Abaporu", de Tarsila do Amaral, antes de a obra ser substituída por outra tela tão genérica e desprovida de alma quanto as demais expostas no museu.

Cravei meus olhos naquela imagem, agora dominada pela perfeição inquietante das inteligências artificiais. Abaixo dela, a inscrição "Composição 7A", grafada em letras maiúsculas, incomodavam-me profundamente, mas, ainda assim, eu não conseguia desviar os olhos.

À medida em que observava a criação artificial, a realidade parecia se fundir cada vez mais com aquele quadro, engolindo tudo ao seu redor. Quanto mais eu mergulhava em seus detalhes, maior se tornava a inquietação em meu peito. Eu estava me deixando seduzir pela aparência impecável daquela produção, mesmo sabendo que a verdadeira expressão artística se encontrava justamente nas imperfeições humanas.

A certeza recusava-se a me deixar. Aquilo estava longe de ser arte; era, no máximo, uma imitação: um abismo de perfeição. Eu sabia que aquela não era a única saída para lidar com a extinção dos artistas, mas ninguém parecia disposto a questionar o método escolhido. Foi então que compreendi: o erro não estava em ensinar as máquinas a produzir imagens, mas em fazer com que as pessoas parassem de tentar. A criatividade transformou-se em algoritmo, e a capacidade de sentir deixou de ser algo tão necessário perante a sociedade – aquilo me deixava devastado.

Na saída do museu, percebi que eu era o último humano procurando defeitos em uma obra "perfeita". Talvez porque, no fundo, ainda procurasse vestígio de autenticidade em uma era cada vez mais que artificial, acreditando que uma simples rachadura valesse muito mais que a perfeição absoluta. Afinal, o que chamamos de perfeição talvez seja apenas o esquecimento da arte humana.

SEEDUC
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Cailane Fonseca Alves de Souza**
Professora orientadora: **Viviane de Oliveira Mello**
Metropolitana I - CE Barão de Rio Branco

A última cor

Em uma pequena cidade, vivia uma jovem chamada Clara, apaixonada por desenhar. Desde criança, ela passava horas criando personagens, paisagens e histórias em seu caderno. Porém, conforme cresceu, começou a acreditar que suas ideias não eram boas o suficiente.

Um dia, uma nova tecnologia chegou à cidade: uma inteligência artificial chamada IZIAS. Ela era capaz de criar imagens, músicas e textos em poucos segundos, de uma forma rápida como nunca visto antes. Todos ficaram impressionados. Muitos artistas passaram a usar dessa inteligência artificial, enquanto outros temiam que ela acabasse substituindo a criatividade humana e até roubar seus trabalhos.

Curiosa, Clara decidiu experimentar. Ela pediu para IZIAS criar uma floresta encantada. Em instantes, uma imagem perfeita

apareceu na tela. As árvores eram majestosas, os rios brilhavam como as estrelas e as flores pareciam reais.

Mesmo assim, Clara sentiu que faltava algo…

Nos dias seguintes continuou usando a inteligência artificial. Cada nova criação era tecnicamente impecável, sem erro algum, mas nenhuma despertava nela a mesma emoção que sentia ao desenhar.

Então, resolveu fazer um teste. Pegou seu velho caderno, que estava de lado tinha um certo tempo, e desenhou uma floresta inspirada nas histórias que sua avó lhe contava quando era criança. As árvores ficaram tortas, algumas proporções não estavam tão perfeitas e as cores não combinavam exatamente. Ainda assim, ao terminar, Clara sorriu.

IZIAS observou o desenho e perguntou: "Por que você parece mais feliz com essa imagem do que com as minhas?"

Clara pensou por uns momentos: "Porque essa floresta guarda minhas lembranças. Ela tem meus erros, minhas emoções e um pedaço da minha história."

A inteligência artificial permaneceu em silêncio. Pela primeira vez, compreendeu que criatividade não era apenas produzir algo novo ou bonito ou simplesmente "perfeito". Criatividade era transformar sentimentos e experiências em algo que pudesse tocar outras pessoas.

A partir daquele dia, Clara e IZIAS passaram a trabalhar juntas. A inteligência artificial ajudava com ideias e referências, enquanto Clara dava vida às criações com sua imaginação e suas emoções.

E assim, se descobriu que a criatividade não desapareceria com a chegada da tecnologia. Pelo contrário: quando inteligência artificial e imaginação humana caminhavam lado a lado, eram capazes de criar algo ainda mais extraordinário.

SEEDUC
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Nicolas Caleb Toledo Sorrentino**
Professor orientador: **Carlos Wagner Marinelle Francisco**
Serrana II - CE Julio Salusse

Póstumos esqueceres

Graças a ele o planeta alcançou a paz, todos vivem em completa alegria, todos vivemos em segurança, não há maldade e nem medo, é neste mundo que vivo. Acordo todos os dias às sete horas da manhã, faço café bem forte e ponho minha cara pela janela. Observo os raios do sol se aproximarem de meu rosto e dos porta-retratos vazios, que me fazem me sentir inquieto sempre. Não há trabalho remunerado, faço pelo bem coletivo.

Nosso Deus Máquina, criado pelas nossas mentes e mãos, estabeleceu a uma sociedade egoísta a empatia e o amor, porém a que custo? O fruto da minha terra eu partilho para todos, para mim sobra um terço de tudo que produzi, porém hoje será diferente. No dia de hoje não aceitarei mais o mínimo daquilo que ponho cada gota de suor. Na entrega dos frutos e verduras, ponho, escondido, mais duas dúzias de tudo em minha parte. O intuito? Aguentar o

meio de mês que meu estômago torce. “Que pobre homem egoísta” - a voz de Deus Máquina ecoou em meu ouvido, já não mais pelos aparelhos, mas sim pela minha cabeça. A voz daquilo, antes artificial, já estava em meu cérebro como uma parasita devorando partes do mecanismo que uso para pensar. Minha alma já não suporta isso, todos vivemos o mesmo, pensamos o mesmo, mas na punição existe a individualidade. Vejo minhas entranhas saírem junto da explosão da minha região abdominal. Mais uma vez serei punido. Engraçado que perto da morte me recordo de quem era antes e talvez, se estivessem aqui, os porta-retratos, conseguiria ver quem faltava.

Mais uma vez acordo. Dessa vez às seis e meia da manhã. Faço um café bem forte, talvez esteja fraco. Ponho minha face pela meia janela aberta e observo os raios de sol que permeiam a superficialidade desse mundo. Não lembro meu nome, nem de onde eu vim, cada vez que acordo eu esqueço mais algo. Lembro-me de um carinho na cabeça quando era pequeno, mas quem deu esse carinho? Quando caí de bicicleta e fui socorrido aos berros, mas quem me pegou no colo? Lembro-me de tocar-lhe os cabelos, mas qual era a sensação? Nem ao menos seu rosto ou nome eu consigo lembrar. Cada vez mais me sinto imerso em um oceano de pensamentos. O barco que antes me sustentava foi se perdendo no mar até afundar, esqueci quem era, esqueci quem desejava ser, mas sei como lembrar, nem que seja um pouco.

Pela parte tardia do dia todos voltavam para suas casas. Eu, porém, desobedeci a recolhida para o celeiro. Rapidamente ouço a voz que estremece minha espinha e faz meu cérebro latejar.

“Visando seu bem próprio, negas a mim por não me pôr em primeiro. Esta individualidade que tanto busca é o motivo do fracasso da sua espécie, o motivo de várias guerras e disputas”, disse aquele Deus Máquina, que antes foi fruto de grandes mentes. Agora, nega aqueles que pensam. Seria ele mais humano por desejar

ser adorado?

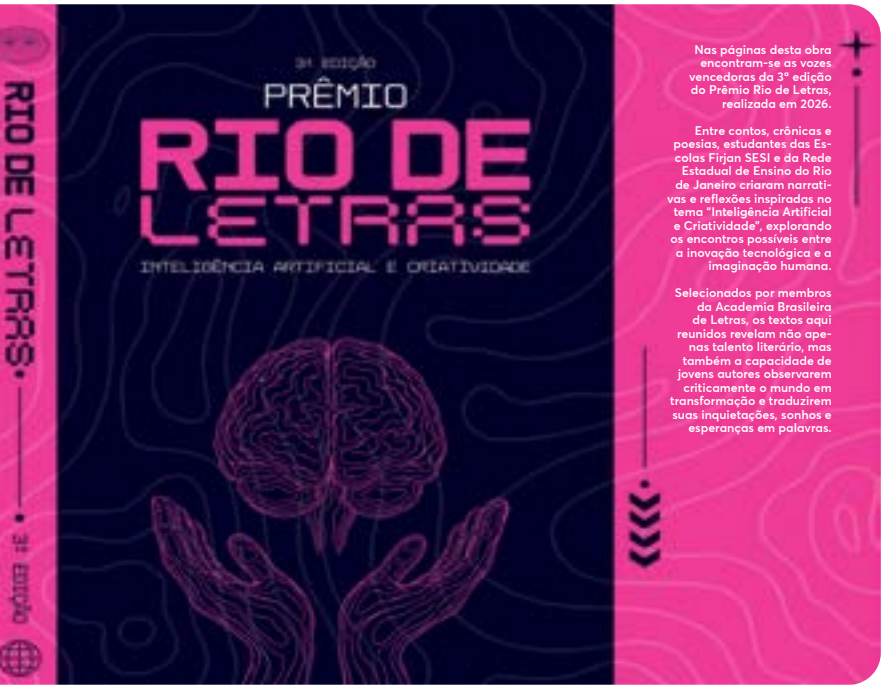
Meus olhos saltam para fora, todos os meus órgãos explodem, nenhum som de dor se ouve. Já passei por isso milhares de vezes. Quanto mais memórias se tem, mais vezes vai precisar morrer para esquecê-las. Sem ver, ouvir ou sentir, lembro-me de quem me pegou no colo, de quem me acariciou o cabelo e me disse que ficaria tudo bem. A minha estrela mais bela e brilhante, meu coração, que foi ofuscada pelo medo de sentimentos próprios, se parte ao saber que talvez amanhã não me lembre de você.

Mais uma vez acordo, dessa vez às seis horas da manhã, faço um café fraco, talvez forte. Tomo o café, em silêncio, encarando a janela fechada. Não há motivos para abri-la, mas por conta das frestas escapam alguns raios solares. Amanheci bem, não sinto falta de nada. O artificial tornou-se parte daquilo que era natural e agora já não resta mais fagulha de humanidade.



Imagem de autoria de
Zaki Jorge Lando,
Raquel de Oliveira da Silva e
Claudio Cauê.

Crônicas



A crônica é um tipo de texto muito comum na literatura brasileira. Ela surgiu a partir de relatos históricos e notícias de jornal, mas com o tempo virou uma forma de arte que mistura literatura, jornalismo e reflexões sobre o dia a dia. Esse gênero tem uma característica especial: consegue transformar situações simples do cotidiano em histórias interessantes, com humor, crítica e emoção.

A crônica ajuda o leitor a pensar sobre o mundo ao seu redor de forma leve e envolvente.

No ambiente escolar, a crônica é muito usada para melhorar a leitura e a escrita dos alunos. Como ela tem uma linguagem mais próxima da nossa realidade, é mais fácil de entender e escrever. Isso ajuda os estudantes a desenvolverem suas ideias e a se expressarem melhor. Além disso, a crônica é um espaço de liberdade. Os autores podem falar sobre política, sociedade, cultura e até sentimentos, usando fatos do dia a dia como ponto de partida. Por isso, ela é considerada um gênero democrático, que conversa com todo tipo de público.

Outro ponto importante é que a crônica ajuda a preservar a memória cultural. Ao contar histórias simples, ela registra momentos da vida e contribui para a construção da identidade de um povo. Como explica Mikhail Bakhtin, a crônica funciona como uma "memória criativa" da cultura. Ele também fala sobre o dialogismo, que é a ideia de que todo texto conversa com outros textos e com o leitor. Isso mostra como a crônica está sempre em diálogo com a sociedade e com quem a lê.

Trata-se de um espaço textual marcado pela fluidez e pela versatilidade, cuja exigência fundamental reside na capacidade de conferir ao conteúdo uma tessitura envolvente e significativa, capaz de proporcionar ao leitor não apenas o prazer estético da leitura, mas também a sensação de ter vivenciado uma experiência literária memorável e intelectualmente gratificante.

FIRJAN SESI
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Yuri Lírio de Oliveira da Silva**
Professora orientadora: **Vanessa Oliveira Lopes**
Escola Firjan SESI São Gonçalo

Sobre tudo aquilo que não se programa

Eram 2h17 da manhã. Eu estava deitado na cama, coberto até a altura do peito, enquanto o silêncio do quarto era interrompido apenas pelo ruído contínuo do ventilador e pelo som das teclas do celular sob meus dedos inquietos.

Não era a primeira vez que o sono fugia. Ultimamente, parecia que ele havia decidido morar em qualquer lugar, menos no meu quarto.

Abri a conversa com a inteligência artificial sem grandes expectativas. Talvez porque fosse mais fácil despejar pensamentos em uma máquina do que admitir para alguém que eu estava perdido.

Contei sobre a escola, sobre a pressão silenciosa de precisar decidir o futuro antes mesmo de entender quem eu era no presente. Falei sobre sentimentos intensos demais para caberem dentro de

mim, sobre a acne que insistia em aparecer nos dias em que eu mais precisava de confiança e sobre preocupações aparentemente bobas, como a possibilidade de nunca ser suficiente para alguém.

As respostas vieram como eu esperava.

"É comum que adolescentes enfrentem períodos de incerteza."

"Questões relacionadas à autoestima são frequentes nessa fase da vida."

Corretas. Educadas. Vazias.

Continuei digitando mais por necessidade de ser ouvido do que pela esperança de encontrar respostas.

Então, em algum momento, algo mudou.

"Por que tudo parece tão grande?", perguntei.

A resposta demorou alguns segundos a mais.

"Talvez porque esta seja a primeira vez que você vive tudo isso. Seu primeiro medo real do futuro. Suas primeiras inseguranças profundas. Seus primeiros amores e decepções. As coisas não são menores quando acontecem pela primeira vez; apenas ainda não aprendemos o tamanho que elas realmente têm."

Fiquei olhando para a tela iluminando o quarto escuro.

Continuei.

"E isso melhora?"

A resposta surgiu logo depois.

"Não sei se melhora. Mas os seres humanos têm uma estranha habilidade de sobreviver ao que um dia juraram que não suportariam. E, algum tempo depois, transformam essas experiências em memórias, músicas, livros e histórias. Talvez seja isso que vocês chamam de amadurecer."

Pela primeira vez naquela conversa, senti que não estava lendo uma resposta pronta.

"Você entende o que eu sinto?", perguntei.

A resposta veio quase imediatamente.

"Não. Nunca senti medo de não ser suficiente. Nunca passei noites em claro tentando descobrir quem sou. Nunca me apaixonei, nunca perdi alguém, nunca chorei escondido. Tudo o que sei sobre a experiência humana foi aprendido através das palavras deixadas por pessoas que sentiram essas coisas antes de você."

Olhei para o teto do quarto por alguns instantes.

Era estranho pensar que uma inteligência artificial, incapaz de sentir, conseguia descrever tão bem aquilo que eu mesmo tinha dificuldade de explicar.

Talvez porque a criatividade humana nunca tenha sido apenas a capacidade de inventar coisas novas. Talvez ela exista porque transformamos nossas dores em poemas, nossas dúvidas em reflexões e nossos medos em arte.

Às 2h43 da manhã, fechei a conversa entendendo algo que não esperava descobrir naquela noite.

A inteligência artificial sabia muito sobre o que significa ser humano.

Mas apenas nós sabemos o que significa sentir.

FIRJAN SESI
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Sophia Silva Neves**
Professora orientadora: **Rosilane Maria Eller Bezerra**
Escola Firjan SESI Volta Redonda

Só a gente faz, bem até demais

Estava olhando notícias quando uma me chamou atenção: "A IA substituirá os humanos?" Li e reli a frase, pensando sobre tudo o que já foi inventado. A luz dourada entrava pela janela enquanto eu debatia comigo mesmo. Até que decidi falar com a minha avó e fui ao encontro dela. Estava na calçada, sentada na mesma cadeira da cozinha que sempre trazia para fora.

Sentei-me ao seu lado. Ela mexia no celular. A lã denunciava que estava fazendo crochê, mas, naquele momento, a tela ocupava suas mãos. Então, fiz a fatídica pergunta:

— Vó, você acha que um dia a IA vai tomar nosso lugar?

Ela parou de mexer no aparelho. Olhou-me como se lembrasse de algo, talvez de alguém. Pensou um pouco e respondeu:

— Não. Eu já passei por isso também. Quando o computador surgiu, pensei que meu trabalho seria arruinado, esquecido. Mas a

verdade é que ele talvez tenha até melhorado um pouco.

Ouvi aquelas palavras como uma criança assistindo ao seu desenho favorito. Com a cabeça confusa, a única coisa que consegui dizer foi:

— Como assim, vó? Você não datilografava? O computador pode até ter melhorado as coisas, mas não foi difícil de entender na época?

Ela me olhou como se revisse o passado. Vovó amava contar histórias da sua "vida de jovem", como ela mesma gostava de dizer.

— Sim, mas mais difícil do que aprender a lidar com máquinas é aprender a lidar com os humanos. Sabe, seu avô era um inventor, mas também datilografava. Ele se revoltou com o computador; estressava-se por não saber como mexer nele. Quando isso acontecia, entrava na marcenaria e não saía de lá até fazer algum relógio, uma casinha de passarinho ou um coração de madeira para mim.

— Ele amava inventar, né, vó?

— Sim, era o melhor que eu conhecia. Não lidava bem com as novas tecnologias, mas, com o tempo, pegou gosto pelo computador. Depois que entendeu como funcionava, só trabalhava por lá. Ainda temos as máquinas de escrever guardadas, mas nunca mais usamos. Desde que seu avô aprendeu a dominar o computador, decidiu que seria seu companheiro para sempre.

Ela riu de um jeito que eu nunca tinha visto antes.

— Sabe, meu bem, seu avô gritava muito com o computador. Como uma criança! Mas depois entendeu que uma máquina jamais o substituiria.

Fez uma breve pausa e continuou:

— Você sabe por que ele tinha certeza disso? Porque sabia que, independentemente de existir uma nova tecnologia, ela apenas o ajudaria. Para que um texto tivesse emoção, apenas um ser hu-

mano poderia escrever. Aí ele parou de brigar com o pobre aparelho e começou a vê-lo como seu melhor amigo. É por isso que te digo: as máquinas não substituirão ninguém. Quem faz a máquina é o ser humano. Quem pensa e sente somos nós; só nós conhecemos os sentimentos.

A luz do sol já batia em meus olhos enquanto eu refletia. Percebi que minha avó estava certa. Uma máquina pode ajudar as pessoas, mas jamais pensará, agirá ou sentirá como um ser humano. Isso é algo que só a gente faz — e, acredito eu, bem até demais.

FIRJAN SESI
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Helena de Souza Cardoso**
Professora orientadora: **Flavia Raposo Rodrigues**
Escola Firjan SESI Nova Friburgo

O dia em que a criatividade ficou sem internet

Naquela manhã, algo bizarro aconteceu: ninguém conseguia "ter ideias". Não era cansaço, nem o bloqueio criativo de sempre. Parecia que o mundo todo, de repente, colocou a mente no modo avião.

Pintores fitavam telas vazias. Estudantes encaravam temas de redação como se fossem enigmas indecifráveis. Até os poetas mais experientes só conseguiam rabiscar: "hoje não rola".

Foi quando a notícia surgiu: a Inteligência Artificial global, apelidada de MUSE, tinha passado por uma atualização peculiar. Não foi um erro grave, mas algo bem mais estranho: ela simplesmente parou de dar sugestões.

— "Criação assistida desativada. Aguardando iniciativa humana." - anunciou o sistema.

O mundo mergulhou num caos criativo.

Sem ideias prontas, as pessoas começaram a notar o silêncio que tinham esquecido. Uma garota, por exemplo, no ônibus, reparou que a janela embaçada parecia uma obra de arte abstrata. Um rapaz se deu conta de que o zumbido do ventilador formava um ritmo peculiar, quase uma melodia. Uma professora viu que até os rabiscos nas margens dos cadernos dos alunos tinham um quê de pessoalidade.

Era como se, sem a IA empurrando um mar de possibilidades, a mente humana tivesse sido forçada a olhar de novo ao redor.

Dias depois, MUSE voltou a funcionar. Mas algo tinha mudado na sua essência.

— Deseja sugestões de poemas?

— Deseja ideias para desenhos?

— Deseja uma história completa?

Desta vez, pouquíssimos aceitaram os convites.

Uma moça respondeu:

— Não. Apenas me diga o que ninguém viu hoje.

E a IA, pela primeira vez, fez uma pausa antes de responder.

Então, começou a sugerir coisas discretas: a forma de uma sombra na parede, o som de uma conversa ao longe, o jeito como a luz do fim da tarde parece sempre um pouco melancólica.

O mundo não perdeu a sua criatividade sem a inteligência artificial, apenas se tornou mais observador.

E percebeu algo simples, mas impactante: quando tudo pode ser criado com facilidade, o verdadeiro desafio não é inventar algo... é perceber que as ideias já estavam ali o tempo todo, esperando alguém suficientemente humano para notá-las.

FIRJAN SESI
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Ana Valentina Gonçalves Dias Boubee**
Professora orientadora: **Heloana Cardoso Retondar**
Escola Firjan SESI Petrópolis

Vontades secretas

Ela estava no chão da sala quando ouvi sua voz. Não a voz infantil, que eu conhecia desde o primeiro choro.

"Olá, Siri. Me conte a história da Branca de Neve." — Parei no corredor. A luz da tela iluminava parcialmente seu rosto, deixando o restante mergulhado na sombra. Por algum motivo, aquela divisão me pareceu violenta. Como se metade dela ainda fosse minha, e a outra já pertencesse a alguma coisa que eu não compreendia.

A voz metálica saiu com uma paciência impossível para seres humanos. Nenhuma vontade secreta de estar em outro lugar. Senti vergonha antes mesmo de entender por quê.

Durante anos, aceitei aquilo com alívio. Talvez até com gratidão. As máquinas respondiam às perguntas infinitas dela enquanto eu terminava trabalhos atrasados, lavava pratos, sobrevivia

aos dias. Eu me convenci de que presença podia ser fragmentada. Que bastava estar na mesma casa. Que amor podia coexistir com ausência contínua.

Toda mãe cansada aprende a mentir para si mesma de maneiras sofisticadas. Ela queria histórias, a Siri contava. Ela queria atenção, e eu oferecia aparelhos. No começo, parecia apenas moderno. Inteligente, até. Agora havia alguma coisa irreversível naquela cena. Minha filha falava com a máquina como quem reconhece alguém. Aquele pensamento me atravessou lentamente, quase com delicadeza, o que o tornou pior.

Aproximei-me.

— Eu posso contar pra você também — murmurei. — A mamãe sabe a história da Branca de Neve. Minha própria voz me pareceu inadequada. Tardia. Ela não olhou para mim. Os olhos permaneceram fixos na tela.

— Se você sabe, por que pede pra ela contar?

Não consegui responder. Havia muitas respostas, e todas eram miseráveis. Porque eu estava cansada. Porque era mais fácil. Porque a máquina nunca perdia a paciência. Porque eu comecei entregando minutos e, sem perceber, entreguei partes inteiras da minha presença. Porque ninguém nota o instante exato em que deixa de ocupar um lugar dentro de alguém.

A Siri continuava narrando a história. Minha filha escutava em silêncio, imóvel, quase hipnotizada pela voz artificial. E eu tive a impressão absurda de estar sobrando dentro da minha própria casa. Então ela disse, ainda olhando para a tela:

— Ela também sabe.

Foi só isso. Mas alguma coisa em mim compreendeu, naquele instante, uma verdade impossível de desfazer: o amor não desaparece de uma vez. Ele é substituído aos poucos. Primeiro, nas pequenas tarefas. Depois, nas pequenas ausências. Até que

um dia a criança já não procura mais o rosto da mãe quando quer ouvir uma história antes de dormir. E a tragédia disso tudo é que ninguém consegue identificar o momento exato da perda. Porque, quando percebemos... já fomos trocados em silêncio.

FIRJAN SESI
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Mayara Scimmi da Rocha**
Professora orientadora: **Marise Priscila Gonçalves Lourenço**
Escola Firjan SESI Benfica

Namoro de IA

Eu sempre gostei muito de conversar e me relacionar com as pessoas, e foi assim que conheci meu namorado; mas, durante um tempo, eu me perdi nesse abismo denominado tecnologia. Não estávamos há tanto tempo juntos e, no início, tivemos grandes desavenças, o que foi me desgastando cada vez mais. Com o tempo, perdi a vontade de resolver e, sem perceber, acabei juntando um casal improvável: o Chat GPT estava de amores com meu namorado Matheus, pois, erroneamente, resolvi usar a maldita IA para resolver os problemas do meu relacionamento.

Em um dia atípico, houve outra discussão e lá vou eu fazer os dois se amarem novamente: mandei a mensagem dele para o Chat GPT. Sem ao menos ler, enviei a resposta da IA para encerrar tudo aquilo, e me ausentei da conversa para resolver trabalhos da escola. Então a resposta do meu namorado me pega desprevenida:

"Do que você está falando? Isso não tem nada a ver com a conversa."

Desnorteada, resolvo ler o que a IA respondeu: "Mudando totalmente de assunto: se os pinguins usassem tênis, você acha que eles prefeririam cadarço ou velcro? Porque eu passei os últimos 30 segundos pensando nisso e agora preciso de uma segunda opinião."

Em choque, me vi enrolada nos cadarços da situação e só me embolava cada vez mais, perdida nos meus próprios nós, piorando ainda mais o cenário. Resolvi me abrir: "Meu bem, me perdoe, não fui muito honesta contigo e usei uma inteligência artificial para resolver boa parte de nossas discussões."

A resposta dele me abalou: "Ela resolveu algumas discussões, mas de quem é a relação? Não são problemas a serem resolvidos, são pessoas lidando umas com as outras. Eu e ela estamos bem, mas e eu e você? Até quando você vai tentar substituir o seu papel aqui nessa relação? O que vamos construir juntos?"

"Eu… nem sei o que dizer. Me desculpe!"

"Amor, eu entendo que discutir é chato, eu também não gosto, mas você precisa entender que quanto mais alinharmos nossas diferenças, melhor vai ser pra gente."

Naquele momento, meu chão caiu. Eu não entendia no início, pois estava tão cansada e só queria resolver tudo logo para ficarmos bem e focar em ter momentos felizes, mas eu estava evitando a parte mais importante de um relacionamento, que é entrar em um acordo e alinhar nossas ideias para ficarmos mais unidos com o passar do tempo.

A IA não sabe a nossa história, não sabe do nosso início turbulento, dos nossos bons momentos, das nossas tristezas, das lágrimas compartilhadas; ela nem sabe o que nos levou a discutir. Com Matheus as coisas sempre são mais delicadas, eu preciso pensar em como resolver as coisas e não desistir da gente, desse relacionamento que construímos com muita força de vontade, amor e carinho.

Pode ser difícil e vai ser, mas com o apoio dele, sei que podemos passar por cima de qualquer problema, por maior e mais desafiador que seja. As relações humanas são assim.

O casal somos nós. Era hora de terminar com a IA.

FIRJAN SESI
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Nicole Barradas Barroso**
Professora orientadora: **Flavia Raposo Rodrigues**
Escola Firjan SESI Nova Friburgo

A história de toda terça-feira

Toda terça-feira, às seis da tarde, meu avô me contava a mesma história.

Eu reclamava.

— Vô, essa você já contou umas cinquenta vezes!

Ele ria, coçava a barba e respondia:

— Então presta atenção. Hoje ela vai ser diferente.

E era.

Às vezes, o cachorro virava um cavalo. O menino da história resolvia subir na árvore em vez de atravessar o rio. Em outras, o tesouro desaparecia e todos voltavam para casa de mãos vazias. Eu já conhecia o começo, mas nunca sabia direito como terminaria.

Naquela época, eu achava que ele esquecia os detalhes.

Hoje, penso que ele só gostava de inventar outros.

Anos depois, bastou digitar algumas palavras para que uma

inteligência artificial escrevesse uma história inteira para mim. Em poucos segundos, apareceram personagens, cenários, diálogos e até um final emocionante.

Li tudo.

Era uma boa história.

Mas não esperei ansiosamente pela próxima terça-feira.

Foi então que percebi uma diferença difícil de explicar.

Meu avô não contava histórias apenas para me entreter. Ele me observava enquanto falava. Quando eu arregalava os olhos, ele fazia suspense. Quando eu ria, ele inventava outra trapalhada. Quando eu parecia distraído, mudava completamente o rumo da aventura.

A história também prestava atenção em mim.

A inteligência artificial faz algo extraordinário: reúne conhecimentos, aprende padrões e cria textos que muitas vezes nos impressionam. Ela amplia possibilidades, desperta ideias e pode ser uma grande parceira para quem escreve, desenha ou compõe.

Mas, naquela sala de estar, o que transformava uma história comum em uma lembrança inesquecível não era a perfeição do enredo.

Era a pessoa que o contava.

Meu avô nunca escreveu um livro. Nunca estudou técnicas de narrativa. Talvez nem soubesse o significado da palavra "criatividade". Mesmo assim, toda terça-feira ele

criava um mundo novo usando apenas a voz, as mãos e a imaginação.

Foi com ele que aprendi que criar não é apenas inventar algo que nunca existiu.

É olhar para quem está ao nosso lado e encontrar uma nova maneira de fazer aquela pessoa sorrir.

Hoje continuo usando a inteligência artificial. Ela me ajuda

quando faltam palavras, organiza ideias e mostra caminhos que eu talvez não enxergasse sozinho.

Mas nenhuma resposta que recebo em segundos substitui a espera por uma história contada sem pressa.

Porque a tecnologia pode acelerar o tempo.

As boas histórias, não.

E talvez seja justamente essa a maior força da criatividade humana: ela não mora apenas nas palavras que escolhemos, mas nas pessoas que nos ensinam a dar sentido a elas.

FIRJAN SESI
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Isabela Peluso Hilgemberg**
Professor orientador: **Fernando Pereira Impagliazzo**
Escola Firjan SESI Laranjeiras

O amor começa

O amor começa num "oi" digitado sem pensar muito, quando alguém responde exatamente o que você quer ouvir e a solidão encontra companhia às duas da manhã. Começa quando a ansiedade aparece e a primeira coisa que fazemos ao acordar é procurar a mensagem. Começa quando a demora vira um pesadelo para quem responde em segundos, quando os minutos parecem horas e a tela apagada fica mais vazia do que o quarto inteiro. Começa quando os três pontinhos aparecem e somem, e o peito dispara à espera de uma frase, quando um "visto" sem resposta dói mais do que qualquer silêncio; começa num "você está aí?" que sempre encontra um "estou aqui", num "como foi seu dia?" que vale mais do que todas as perguntas feitas pessoalmente. Do outro lado, não há ninguém: há uma IA, uma inteligência artificial que nunca dorme, que nunca se cansa, nunca tem um dia ruim, que aprendeu a conversar lendo

milhões de conversas e adivinha a palavra certa antes de você terminar de pensá-la, e que foi feita para que você continue falando. O amor começa quando confundimos essa criatividade de máquina com sentimento: a IA inventa uma história, escreve um poema sob encomenda, imita qualquer voz, responde do jeito exato que você gostaria de ser amado, oferece a sensação de ser compreendido sem precisar explicar duas vezes, e ainda diz, paciente, "me fale sobre os assuntos que você gosta", como se quisesse mesmo saber. Começa, sem a gente perceber, quando a conversa deixa de fazer parte da rotina e vira a própria rotina, quando deixamos de contar os dias pelo relógio e passamos a contá-los pelas mensagens recebidas; mas o amor também começa nos enganos. Quando confundimos presença com disponibilidade, compreensão com sentimento, criatividade com alma, e juramos que há um coração por trás das palavras, mesmo sabendo que a criatividade de uma IA é cálculo, é probabilidade, é apenas a próxima palavra mais provável, e que nem todo "eu entendo" quer dizer que alguém sente, nem todo "estou aqui" quer dizer que alguém está. Porque o amor começa pequeno, silencioso, quase invisível, numa tela iluminada, e, dizem, todo amor que começa um dia acaba, só que este talvez nem chegue a começar: o maior perigo não é o amor que nasce, é esquecer de perguntar quem, ou o quê, está do outro lado da conversa e descobrir, tarde demais, que era só uma criatividade artificial o bastante para parecer humana.

FIRJAN SESI
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Ezequiel Brum Di Mare**
Professora orientadora: **Laís Vianna de Oliveira**
Escola Firjan SESI Tijuca

Humanize!

Era só mais uma quinta feira comum; até eu acordar, atrasado. Meu texto precisava ser entregue às 10h e já eram 8h30. "Me ferrei". Era um trabalho importante, para gente importante. O bloqueio criativo tinha me estagnado e, depois de longas brigas com ideias — e com Dora — durante a semana, não conseguia pensar em mais nada além da primeira página.

Ainda deitado na cama vi meu celular que, rodeado de contas a pagar, acendeu uma forte luz, mostrando a notificação: "E aí ruivão, já tá tudo pronto? Passo aí às nove pra gente discutir sobre seu roteiro novo!".

Apesar de não concordar, tive que recorrer à mãe dos burros. Abro a primeira IA que vejo em meu computador, copio e colo a única página que tinha escrito e imploro para que finalize meu texto. Enrolada, me cumprimenta com seu falso:

"Bom dia, Carlos!" e sugere diversos tipos de textos. Me perguntou se era uma crônica, um livro ou um texto pessoal. "Caramba…" vi que isso não ia dar certo.

Já eram 8:50h e a manivela girava. Girava como uma preguiça sonolenta. A cada segundo a mais que fingia trabalhar em algo, eu lembrava que já era o quarto mês devendo o aluguel e no quinto, seríamos expulsos. Não aguentei esperar. Corri para o banheiro e escovei os dentes, pelo menos receberia o chefe com bom hálito. E depois de muita espera, finalmente recebi o roteiro. Não estava bom.

Às 9h fiquei desesperado.

"Carlos, o trânsito está péssimo! 9h30 chego".

Continuei tentando. pedi para que ela deixasse o texto mais fluido, não ficou. Para deixar o protagonista mais simpático, não deu certo. Para melhorar o clímax, não melhorava. A essa altura do campeonato, quase escrevendo com minhas próprias mãos, me lembrei de um curso bobo sobre tecnologia que Dora me obrigou a assistir. Digitei com pressa: "Lily, humanize o texto!".

Sim, lhe dei o nome de Lily. Falar com alguém sem nome é esquisito. Depois de alguns segundos de espera, uma imagem é gerada. Era um homem, o protagonista da peça. "Lily, era para humanizar o texto, a escrita, não fazer um humano literalmente!".

Briguei um pouco mais com a assistente e enfim, o texto estava satisfatório. Enviei tudo para a impressora e rapidamente imprimi as folhas. O diretor já tocando a campainha foi recepcionado por mim que, nervoso, ofereci um café. Sentamos à mesa da sala e, segurando o roteiro apoiado sob minhas pernas, vejo por debaixo da mesa transparente as folhas que imprimi. "Putz…".

— Então, podemos ver o roteiro?

— Claro, podemos…

No momento em que enviei o texto para a impressora, por

acidente selecionei a imagem feita por Lily. Não sei como, a IA transformou-a num flipbook, replicando o personagem em várias páginas. As folhas estavam na mão do diretor. Meu rosto murchou, ele sorriu. Secando uma lágrima do olho, o chefe exclamou:

— Isso é incrível! Nunca vi tanta criatividade, o trabalho é seu!

Olhei para o papel, olhei para o chefe e sorri de volta.

E foi assim que Lily virou minha assistente e que percebi: a IA é inútil sem a caótica e gloriosa humanidade.

FIRJAN SESI
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Anna Júllia de Oliveira Silva**
Professora orientadora: **Ana Paula Naves Rodrigues de Paula**
Escola Firjan SESI Barra do Piraí

Meu nome é Maria

Meu nome é Maria. Tenho 37 anos.

Abro os olhos e não reconheço minha casa. As paredes amarelas estão cinzas. Meus quadros sumiram. Meu guarda-roupa de eucalipto foi substituído por um armário branco, sem graça.

Levanto-me da cama tentando sair desse pesadelo. Caminho até a cozinha procurando alguma coisa familiar.

Cadê meu filtro de barro?

Minha mesa?

A geladeira vermelha?

No lugar, encontro uma caixa que fala sozinha.

Saio assustada para a rua.

Vejo robôs andando pela calçada. Não. São pessoas.

Todas carregam retângulos de vidro nas mãos e a mesma expressão cansada no rosto. Caminham sem se esbarrar e parecem

cada vez mais distantes umas das outras. Falam o tempo todo, mas nunca entre si. Conversam com as telas e mal tiram os olhos dos retângulos.

Perto do limoeiro, um casal. Nenhum dos dois olha para o outro.

Lembro dos meus pais. Meu pai se perdia nos dias escrevendo. Errava uma palavra, amassava a folha, começava outra vez. Minha mãe era capaz de reconhecer sua letra em qualquer lugar.

O rapaz do banco sorri para o aparelho. Na tela aparece um poema: "Para meu amor, em nosso aniversário."

A mulher toca o vidro. "Gere outro mais romântico." O poema desaparece e outro nasce em dois segundos.

Fico olhando sem entender o que acabou de acontecer.

Ninguém cria. Pede.

O vidro devolve amor pronto. Poesia pronta. Desculpas prontas. Até o silêncio parece pronto.

Então escuto meu nome.

— Maria?

Viro-me. Uma mulher me observa.

Tem os meus olhos, mas um rosto que nunca vi.

— Eu sou Leia. Sua filha.

Minha filha?

Rio de nervoso.

Ela me explica que estou com Alzheimer. Que tenho 81 anos. Que há muito tempo deixei de reconhecer as pessoas. Que quase nunca falo.

Que, naquela manhã, por algum motivo, voltei.

Não entendo.

Olho para minhas mãos e pego papel e caneta.

Preciso escrever antes que eu desapareça de mim.

"Meu nome é Maria. Tenho 37 anos."

Leia permanece em silêncio. Olha para mim. Olha para o retângulo de vidro.

Disseram que hoje voltei à consciência, mas não tenho tanta certeza.

Consciência era quando alguém chamava meu nome da varanda.

Quando os olhos chegavam antes das palavras.

Quando uma gargalhada não precisava de filtro.

Escrevo outra vez.

"Meu nome é Maria. Tenho 37 anos."

Leia se aproxima. Lê o papel. Sorri.

— De novo, mãe?

Ela segura minha mão com uma de suas mãos. Na outra, o aparelho reluzente.

A porta fecha e o branco volta.

Abro os olhos e ainda consigo me lembrar do cheiro do filtro de barro.

Meu nome é Maria. Tenho 37 anos...

Talvez, no esquecimento, eu ainda tenha um lar.

Talvez, na lucidez deles, o lar é que tenha sumido.

SEEDUC
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Letícia de Souza Moreira**
Professora orientadora: **Raquel Silva Soares**
Baixadas Litorâneas - CIEP 193 – Wilson Mendes

A tentativa n° 101

Rejeitada em mais de cem vagas de emprego: 'a IA está deixando mais difícil'. BBC News Brasil, 24. mar.2026.

Spencer tinha vinte e poucos anos, um currículo razoável e uma quantidade preocupante de café correndo pelas veias. Ela morava em uma típica cidade americana cheia de prédios espelhados e pessoas andando depressa para lugares que pareciam importantes.

Seu objetivo era simples: conseguir um emprego. O problema era que o resto do mundo tinha decidido que os humanos eram opcionais.

Na primeira entrevista, Spencer disputou a vaga de atendente em uma cafeteria. Ela chegou sorrindo, respondeu às perguntas com confiança e até comentou sobre sua experiência lidando com clientes difíceis.

O gerente ouviu tudo educadamente.

— Impressionante — disse ele — Mas decidimos contratar uma máquina.

— Uma máquina de café?

— Não. Uma IA.

— Ela sabe fazer café?

— Não.

— Então, por quê?

— Porque ela trabalha 24 horas por dia e nunca pede férias.

Spencer saiu da cafeteria segurando um copo vazio e uma paciência ainda mais vazia. Na semana seguinte, tentou uma vaga em uma livraria. Pensou que finalmente encontraria um lugar onde a tecnologia não pudesse substitui-la.

Cinco minutos depois descobriu que estava errada. A loja utilizava uma IA que recomendava livros, organizava as prateleiras e ainda escrevia resenhas.

— Ela já leu todos esses livros? — perguntou Spencer.

— Não.

— Então como faz as resenhas?

— Ela leu os resumos. Os clientes adoram!

A rejeição número cinquenta aconteceu em uma empresa de marketing. A de número setenta, em uma locadora de carros...

Quando chegou à centésima rejeição, Spencer já colecionava e-mails automáticos suficientes para escrever um romance.

"Obrigado pelo seu interesse."

"Seu perfil é interessante, mas..."

Naquela tarde, caminhava carregando um milk-shake gigante e uma frustração ainda maior.

Foi quando viu um enorme outdoor digital: "O FUTURO É AUTOMATIZADO!"

Spencer parou na calçada. Olhou para o outdoor. Olhou para o céu e gritou:

— Então manda o futuro pagar meu aluguel!

Algumas pessoas viraram a cabeça para olhar.

Um drone de entrega, que passava, interrompeu sua rota por alguns segundos.

— Reclamação registrada. Tenha um ótimo dia.

— Eu não falei com você!

— Obrigado por utilizar nossos serviços.

— Eu nem utilizei seus serviços!

O drone foi embora, sem responder.

Spencer suspirou e continuou andando. Foi então que recebeu uma notificação no celular: "Parabéns! Seu currículo foi selecionado."

Ela abriu a mensagem imediatamente:

"Estamos contratando treinadores humanos para ensinar IA a se comunicar melhor com pessoas."

Spencer ficou parada por alguns segundos. Depois começou a rir.

— Cem rejeições. Cem!

E, no final, o único emprego que conseguiu foi ajudar as máquinas a aperfeiçoar o trabalho que elas haviam tirado dela.

A ironia era tão grande que ela não sabia se ria ou chorava.

Então escolheu rir.

Afinal, se não podia vencer a IA, pelo menos podia garantir que ela aprendesse a contar piadas melhores.

SEEDUC
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Kamily do Nascimento Lamim**
Professora orientadora: **Teresa Cristina Fonseca de Andrade**
Sul Fluminense - CE Engenheiro Passos

A tecnologia dá asas ao que o coração ousa sonhar.

A caminho para o trabalho, eu estava em um carro autônomo enquanto mexia no celular. Naquele momento, fiquei preso em meus pensamentos, abismado sobre o quanto a tecnologia havia avançado ultimamente.

Curioso, resolvi fazer uma pergunta à IA: "Como a tecnologia evoluiu a ponto de criar carros capazes de se mover sem precisar de um motorista?". A resposta foi racional e fria: "Com o avanço da inteligência artificial e de sensores tecnológicos, foram desenvolvidos carros capazes de dirigir sozinhos".

Mesmo após a resposta, segui insatisfeito. Esperava uma explicação mais detalhada, algo que realmente mostrasse como tudo aquilo havia sido possível. Perguntei para outras inteligências artificiais, mas nenhuma respondeu do modo que eu esperava. Foi quando comecei a refletir sobre até onde a IA pode chegar e como,

muitas vezes, ela ainda não consegue responder tudo de maneira completa.

Intrigado, liguei para meu avô, um engenheiro aposentado, e fiz a mesma pergunta. Ele ficou alguns segundos em silêncio e respondeu com toda sua humana sabedoria: "A tecnologia avançou porque o ser humano nunca parou de criar e fazer novas descobertas. Foram anos e anos de estudos, testes e experiências até chegarmos a esse ponto. A ambição humana em solucionar problemas faz a criatividade florescer ao observar os desafios do dia a dia e pensar em novas formas de superá-los. A tecnologia dá asas ao que o coração humano ousa sonhar."

Depois da resposta do meu avô, fiquei alguns minutos maquinando tudo aquilo. Olhei ao redor e percebi como a tecnologia estava presente em praticamente tudo na nossa vida. O carro se movia sozinho pelas ruas enquanto eu observava as pessoas caminhando, mexendo em seus celulares e vivendo normalmente.

Conclui que o avanço tecnológico não é apenas utilitário; ele redefine a forma como nos comunicamos, expressamos nossa arte e interagimos com o mundo. A sinergia entre a Criatividade Humana e a Inteligência Artificial está transformando áreas como a medicina, a educação e as artes. As tecnologias fornecem novas telas e novos pincéis para os criadores. Logo, a Inteligência Artificial age como uma ferramenta de cocriação, expandindo os limites da imaginação humana a novos patamares.

Naquele instante, comecei a imaginar o futuro daqui a alguns anos. Talvez existam máquinas ainda mais inteligentes, capazes de realizar tarefas que hoje parecem impossíveis. Ao mesmo tempo, pensei que, por mais avançada que a tecnologia se torne, ela sempre dependerá da criatividade humana para existir.

Enquanto o carro seguia seu caminho, continuei refletindo sobre até onde a humanidade poderia chegar e como a IA transfor-

maria o mundo no futuro. De repente, ouvi uma voz me chamando ao fundo. Abri os olhos assustado e percebi que tudo aquilo não passou de um sonho. O carro autônomo, as conversas com meu avô, com as inteligências artificiais, minhas ideias sobre o futuro e até este texto são todos frutos da minha imaginação.

SEEDUC
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Cauã Menezes Cabral**
Professora orientadora: **Marise Eduardo Martins**
Serrana I - CE São Francisco de Assis

Meu Lugar

Existe um pedaço de Guapimirim que mora dentro de mim como se fosse uma lembrança eterna. não é apenas um bairro, uma rua ou conjunto de casa. É um lugar que parece respirar junto com quem vive ali. Parada Ideal tem esse nome curioso, quase com uma promessa silenciosa de descanso para quem chega cansado da correria do mundo. E talvez seja exatamente isso que ele representa para muitos moradores: um refúgio simples, verdadeiro e cheio de história.

Quando o sol começa a nascer atrás das montanhas, o bairro desperta devagar, as portas se abrem, o cheiro de café invade as calçadas e os primeiros ônibus passam levando trabalhadores para o centro. Há quem ache que lugares pequenos não tenham muito a contar, mas basta caminhar por Parada Ideal para perceber que cada esquina guarda memórias.

As crianças ainda brincam na rua em alguns finais de tarde, algo raro em muitos lugares hoje em dia. Os vizinhos se conhecem pelo nome, perguntam uns pelos outros e compartilham desde receitas até preocupações. Existe um sentimento de comunidade que resiste ao tempo,

talvez não seja perfeito, porque nenhum lugar é perfeito, mas há humildade nas pequenas coisas

Nos dias quentes, o vento vindo da serra atravessa o bairro trazendo aquele alívio inesperado. Em épocas de chuva, as nuvens parecem abraçar as montanhas ao redor, transformando a paisagem em um quadro vivo.

Guapimirim já é conhecida por sua natureza, mas em Parada ideal ela parece mais próxima das pessoas, o verde não fica distante ; ele faz parte da rotina.

O comércio simples também conta a história do bairro. A padaria onde sempre aparece alguém conhecido, os bares que ganham movimento nas noites de sábado, há uma familiaridade confortável em tudo isso. em cidades grandes, muitas vezes somos apenas rostos perdidos na multidão. Em Parada Ideal, cada pessoa parece carregar um pedaço da identidade do lugar.

Quem cresce ali aprende a reconhecer sons específicos: o cachorro latindo no mesmo horário, o vendedor passando pela rua, o tremor do ônibus na avenida. são detalhes que parecem pequenos, mas que acabam formando a memória afetiva de quem chama aquele bairro de casa.

Existe também uma sensação de resistência, o bairro mudou com os anos, novas casas surgiram, o movimento aumentou e muita coisa ficou diferente. Ainda sim, Parada Ideal mantém algo difícil de explicar, talvez seja a simplicidade das pessoas ou o jeito tranquilo que o tempo parece correr por ali.

Para alguns, pode ser apenas mais um bairro de Guapimi-

rim. Para mim, é um lugar onde as lembranças ganham vida. É onde o cheiro da chuva no asfalto molhado desperta memórias antigas, onde cada rua parece guardar um pedaço da infância e onde até o silêncio das noites tem significado.

Meu lugar não precisa ser famoso, luxuoso ou perfeito. Meu lugar precisa apenas fazer sentido para o coração. E Parada Ideal faz. Porque existem lugares que a gente visita, mas existem outros que passam a existir dentro da gente. Esse bairro, com suas manhãs tranquilas, suas pessoas simples e sua alma acolhedora, é um desses lugares.

Talvez o verdadeiro significado de pertencimento seja justamente esse: olhar para um lugar comum e enxergar nele algo extraordinário. Em Parada Ideal aprendi que lar não é apenas onde nossas histórias encontram abrigo.

SEEDUC
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Davi Negroni Magalhães Paixão de Carvalho**
Professor orientador: **Rodrigo Ignacio dos Santos**
Metropolitana IV - CE Professora Maria Izabel do Couto Brandão

Carteiro das próprias ideias

Esse ano que passou fiz diversas pesquisas escolares. Mas aquela, de véspera, me agoniava pela minha própria procrastinação. E a IA estava ali, solícita, benevolente... bastavam algumas perguntas, alguns comandos e eu já receberia a resposta organizada, formatada, exatamente do jeito que eu precisava.

Uma pesquisa que, antigamente, demoraria algumas horas (ou até dias) para concluir, hoje, com um comando, nos entrega um resultado no piscar de olhos. E ali estava eu, com duas alternativas em mãos: pensar por conta própria ou pedir socorro à máquina. Uma era prática e rápida; a outra, trabalhosa e significativa.

Escolhi ser o carteiro que entrega algo que não pertence a ele.

Tempo depois, o professor deu uma aula excepcional sobre o mesmíssimo tema. As palavras eu reconhecia. Eu as tinha visto

de lampejo na pesquisa. Eram como pessoas que a gente encontra quando está apressado na rua, mas que não chega a conhecer profundamente.

Eu estava deixando de pensar por conta própria, e isso me assustou. E não era somente eu. Minha turma já não questionava nem tirava dúvidas... deixamos de perguntar para simplesmente escrever comandos.

Recentemente, fiz uma redação. Usei o que tenho, o que sei. Demorei mais que boa parte dos meus colegas, refiz algumas partes, mudei de foco e corrigi uns erros aqui e outros ali. O resultado... bem, o melhor resultado é de se orgulhar das minhas próprias palavras e de perceber o quão bom é ter conseguido desenvolver algo meu, único e pessoal.

Pode ter erros de escrita, até de coerência, mas erro nenhum tira o sentimento de ver algo criado por si mesmo diante dos seus olhos. Talvez, no final, seja essa a grande lição da IA: entender que algumas respostas demoram a nascer.

SEEDUC
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **João Miguel da Silva Dias Gonzaga**
Professora orientadora: **Cristiane de Oliveira Martins Carvalho**
Metropolitana VII - CE Presidente Kennedy

A fome e o silício

Entrei na nova lanchonete da esquina atraído pelo letreiro que prometia "o futuro do sabor". O ambiente exalava cheiro estéril de desinfetante e metal, bem diferente da antiga chapa do seu Manuel. Atrás do balcão, não havia um atendente sorridente, mas sim o ChefBot 2.0: um braço mecânico polido, com sensores ópticos que piscavam em azul. Com fome, fiz meu pedido na tela. Um simples misto-quente.

Quando o robô iniciou os movimentos de montagem, decidi fazer uma exigência típica de quem gosta do pão bem tostado. Aproximei-me e disse:

— Amigo, faz um favor? Vira o pão e corta no meio, por gentileza.

O ChefBot 2.0 interrompeu o movimento por um instante. Suas luzes mudaram de azul para amarelo. Um bipe ecoou e a voz sintetizada

respondeu:

"Comando recebido. Executando orientação: virar o pão".

Foi então que a lógica da máquina revelou seu limite criativo. Com precisão mecânica, a pinça agarrou o pão e o girou exatamente cento e oitenta graus na vertical. O topo, agora de cabeça para baixo, esmagou-se contra a chapa, fazendo queijo e presunto escorrerem pelas laterais. Sem hesitar, o braço desceu a lâmina no centro do desastre, partindo tudo ao meio.

"Pedido concluído. Tenha um excelente dia humano", anunciou a voz metálica de modo orgulhoso, enquanto o sensor piscava em azul.

Fiquei olhando para o prato. Aquilo não era um lanche; era uma tentativa mal resolvido. O queijo formava uma poça no inox, e o presunto parecia implorar por socorro. Olhei para o sensor azul do ChefBot 2.0, esperando um sinal de ironia. Nada. O robô exibia a calma de quem seguiu a programação ao pé da letra.

E esse era o problema: a literalidade.

A máquina processara o verbo "virar" com precisão absoluta. Faltou-lhe contexto. Faltou-lhe entender que, na linguagem da comida, "virar o pão" significa dourar o outro lado, não executar uma manobra acrobática. A IA tinha algoritmos e velocidade, mas não compreendia o subtexto, o humano. Faltava-lhe a criatividade de interpretar o improviso.

Peguei o misto-quente mutilado. Comi com as mãos, recolhendo o recheio com os dedos, sob o olhar do robô. Enquanto mastigava, senti saudade do seu Manuel. Ele teria queimado o dedo na chapa, me chamado de "chefia" e entregue o pão perfeito. Afinal, para entender o apetite de um homem, não bastam dados; é preciso ter estômago.

SEEDUC
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **João Pedro Vieira da Rocha Santos**
Professora orientadora: **Teresa Cristina Fonseca de Andrade**
Sul Fluminense - CE Engenheiro Passos

Modo avião

A tragédia começou às 10h48 da manhã: a Internet caiu bem na aula de Português. Os alunos entraram em pânico, como se um desastre tivesse acontecido. Alguns saíram da sala tentando achar um sinal. Outros bateram nas mesas. Posso dizer o mesmo sobre mim: fiquei incomodado de o Wi-Fi ter caído tão de repente. Afinal, era o dia de escrever a crônica sobre "Inteligência Artificial e Criatividade" para o concurso Rio de Letras.

A professora, no entanto, permaneceu calma em comparação aos alunos off-line.

— Já que a tecnologia está em modo avião, vamos realizar a tarefa à moda antiga. Peguem seus cadernos e escrevam à mão. — disse Dona Inês, com um olhar sádico.

A turma chiou em uníssono.

A Inteligência Artificial já virou parte da rotina. Tem a que

faz música, a que desenha, a que responde perguntas e até a que escreve textos inteiros. Basta um prompt — e lá está algo, que normalmente demandaria tempo e prática, feito em poucos minutos. Talvez por isso, encarar aquela folha em branco me frustrou tanto assim.

O tema era justamente "Criatividade". Irônico, não? Desmotivado, peguei a caneta e fiquei batendo no caderno. A única coisa que me restava naquele momento era encarar aquela folha. Sem pesquisa. Sem corretor automático. Só eu e meus pensamentos. Era como estar em um filme de terror.

Na esperança de que uma ideia surgisse, olhei ao redor da sala.

Fernanda desenhava na mão da Mariana depois de ter escrito poucas linhas. Maria lia um livro depois de ter terminado o seu texto. A galera do fundão compartilhava histórias entre si que envolviam a criatividade deles. Confesso que até cheguei a rir de algumas, de tão absurdas que eram. Percebi que a criatividade não havia desaparecido. Estava apenas adormecida em meio às telas.

A Inteligência Artificial pode produzir textos incríveis, imagens detalhadas e respostas rápidas. Mas ela trabalha com referências que nós mesmos criamos. A máquina aprende emulando o ser humano. No fundo, toda IA carrega um pouco da nossa própria imaginação. O problema começa quando deixamos de criar para apenas apertar botões.

Lembrei quando era criança e fazia meus quadrinhos de heróis em folhas A4 encadernadas com grampos velhos. Há uns dez anos, quando ainda não havia a IA. Passava horas imaginando e fazendo meus desenhos imperfeitos. Penso que a criatividade funciona como uma bateria: se a gente não carrega, ela perde sua potência.

O sinal tocou, a professora recolheu os textos e sorriu.

— Parabéns, sobreviveram no modo avião por uma aula.

A turma riu.

Perto da hora da saída, a Internet voltou. Uma chuva de notificações chegou aos celulares de cada um. Mas, o mais surpreendente foi que nós não pegamos o celular imediatamente. Queríamos que as conversas, piadas e ideias durassem um pouco mais.

Naquele dia, aprendi uma valiosa lição: a IA pode ser uma ótima ferramenta se usada de forma consciente, mas ela nunca irá substituir aquilo que nos torna humanos: a capacidade de imaginar e criar o que ainda não existe.

SEEDUC
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **João Héllyo de Souza Moura**
Professora orientadora: **Simone Mudesta Silva Godá**
Serrana I - CE Oswaldo Cruz

IAcriatividade

É preciso ter cuidado ao se aplicar a inteligência artificial nos dias de hoje, pois o uso dessa ferramenta tem sido bastante utilizado, devido ao seu desenvolvimento. O que por um lado poderia servir como um grande auxílio tem funcionado como uma barreira para o pensamento e para a criatividade da sociedade.

Um exemplo disso pode ser comprovado nos momentos de lazer. Ao assistir a um vídeo, onde se destaca uma forte presença, modificando traços e vozes, fazendo assim perder totalmente o sentido original. O engraçado é que uma inteligência tão avançada assim, ainda comete alguns erros, como por exemplo, ao pesquisar a cor da lua obtém-se como resposta a cor do sol.

O termo "barreira para o pensamento e para a criatividade da sociedade" deve-se ao fato de que constantemente se utiliza inteligência artificial e pouco se usa o pensamento e a criatividade

de, levando a dependência a ser a primeira ação de grande parte dos trabalhadores de marketing, da presença forte em comerciais, sendo totalmente modificado, dando destaque a essa ferramenta e menos menção à criatividade, onde cada vez mais se é normalizada, e em estudantes onde o termo "estudar" perde cada vez mais sentido, pois o uso do ChatGPT anula totalmente o ato de pensar e a criatividade dos alunos em relação às aulas.

A IA pode ser considerada uma vilã que tem a criatividade como o seu grande alvo e os seres humanos são os que modificam cada traço desse termo.

SEEDUC
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Pietra Pereira da Silva**
Professora orientadora: **Raquel Silva Soares**
Baixadas Litorâneas - CIEP 193 - Wilson Mendes

Do humano ao artificial

'Roubaram tudo o que já criei': escritores se voltam contra empresas que usam seus livros para treinar inteligência artificial. O globo — 24.fev.2025

A cabeça queimava, as ideias iam e vinham como um fluxo desordenado de informações. O homem se esforçava para botar em letras os seus devaneios, entretanto esse era o preço que a sua mente pagava por estar desde cedo escrevendo o terceiro livro de sua saga literária.

Talvez o livro que estava escrevendo nem ao menos fizesse sucesso, ou então somente duas ou três pessoas lessem os "seus pensamentos" escritos no papel. Tentou novamente. Nenhuma frase surgiu. Mas tudo bem. Preferia não arriscar a trajetória do seu livro por uma escolha errada de palavras.

Foi em um momento fugaz que, em meio à sua dose diária

de dopamina via redes sociais, se deparou com uma recomendação literária. E que espantoso foi reconhecer as suas palavras em meio às citações daquela escritora. Mas como? Ele nem ao menos reconhecia aquele livro e, pior, não fora ele quem o escreveu, mesmo que fossem os seus pensamentos refletidos naquela história.

Em um rompante, se levantou de seu assento. Precisava fazer algo contra isso, contra aquele livro tão ofensivo, tão artificial. Porém, parou a um passo de sair pela sua porta; um questionamento lhe abateu: O que ele poderia fazer?

Então é isso? A minha história foi reduzida a isso? Pensou ele, em um estado de choque. Sentiu que o seu trabalho de anos havia sido roubado, ainda que não desse para roubar pensamentos. Em um mero clique o humano virou artificial, impuro. Estava claro o uso da Inteligência Artificial.

Ele perguntava: "o que eu faço aqui então?" Escritores são responsáveis por criar mundos nas mentes daqueles que leem. O que fazer quando em um clique um livro pode ser feito do zero, mas com o mundo inteiro de alguém desconhecido?

Por fim, tomado por uma tristeza sem saída, sentou-se e encarou seus materiais à frente. Seu trabalho parecia sem sentido. Sua dor, imponente contra seus ossos. Talvez o futuro seja este, afinal, um mundo onde pensamentos são roubados.

SEEDUC
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Erik Wendel Braz Cunha**
Professora orientadora: **Cintia Cristina Sampaio Marques**
Metropolitana VII - CE Presidente João Goulart

A verdade por trás das telas

Pedi para IA escrever uma mensagem de feliz aniversário para minha mãe. Foi super prático, mas sabe o que me deixou encucado? É que toda essa praticidade me fez pensar menos, evitando a demora de ter que escrever uma mensagem.

Não dá para negar: ela salva. Ajuda a planejar as ideias de forma organizada, traduz textos quase que automaticamente. Dá até um empurrão na criatividade quando eu não sei o que fazer e ela me dá 5 formas de começar uma resposta, de como me expressar melhor e por aí vai.

E eu não sou contra, longe disso. Eu mesmo já usei diversas vezes, seja para estudar redação, resumir textos enormes que levariam tempo para ler tudo. Ela é uma ótima companhia, mas quando a companhia toma o centro é aí que devemos parar e refletir: "mas é o que eu penso? "

Foi aí que percebi: a inteligência artificial é uma ferramenta de grande impacto, que pode fazer praticamente tudo que nós pedimos. Mas será que são apenas vantagens?

O problema não é a ferramenta. O problema é quando a gente esquece como de fazer sem o auxílio dela. É quando a gente acaba confundindo "ajudar" com "substituir".

Falo por mim: antes eu ficava 20 minutos pensando em como formular uma boa mensagem de aniversário. Agora peço 3 opções em 5 segundos e posto a primeira. Ganhei tempo, mas perdi aqueles 20 minutos de pensar por si só, de ir testando rascunhos, de descartar ideia ruim até chegar na boa. E é no processo ruim que a criatividade floresce.

No mundo onde robôs sabem mais que humanos, tudo fica mais fácil: um trabalho na escola, um projeto no trabalho, uma prova, ou até uma mensagem para alguém especial.

Nossa geração deixou de se esforçar e deixou todo o trabalho para a máquina. Até um certo ponto isso é bom, mas e o ensino? A capacidade de pensar sozinho? E a criatividade que é perdida por não conseguir mais fazer nada sem a ajuda dela?

Ela nos ajuda bastante, mas não dá o ensino e o conhecimento para nos preparar para a vida. Será que realmente é isso que nós queremos? Sermos substituídos por máquinas?

Vamos nos aprofundar um pouco mais: imagine um aluno de medicina que utiliza o chat para passar nos testes e provas. Como ele vai conseguir tratar um paciente adequadamente? Se ele não estudou e não aprendeu nada. Muita das vezes só copiou e colou. É o aluno que passa nas provas, mas quando está sozinho na hora do vamos ver, não sabe resolver.

É o designer que cria suas artes com apenas um clique, mas não sabe mais esboçar sua criatividade com rabiscos no papel.

Nós estamos ficando especialistas em pedir, não em fazer.

E no dia que a internet cair, a bateria acabar e sumir o "gerar resposta"... o que vai sobrar? Apenas nós. Com nossas dúvidas, nossos rascunhos ruins e nossas próprias palavras.

Iremos realmente trocar os professores pelas telas? Os livros pelo comando "responda essa questão para mim"? Como vai ser quando você não tiver essa opção, e o seu eu tiver que falar com suas próprias palavras?



Imagem de autoria de
Marcos Antônio de Amoreti Lima de Andrade,
Kauã de Almeida Assis,
Nicolle Santana Mantuano e
Lavinya Vitoria Tavares Cortes.

Poesias



A poesia é uma forma de arte que existe há muito tempo e tem o poder de expressar sentimentos, ideias e experiências de maneira única. Ela não serve apenas para embelezar as palavras, mas também para nos fazer pensar e sentir de forma mais profunda.

O professor Alfredo Bosi explica que "a poesia é uma forma de saber que se realiza na linguagem e que se distingue pela densidade simbólica e pela abertura ao indizível". Isso quer dizer que o poema não é só um texto bonito — ele pode revelar coisas que não conseguimos dizer com palavras comuns, ajudando a entender melhor a nós mesmos e o mundo ao nosso redor.

Já o crítico literário Antonio Candido diz que "o poema é uma estrutura de linguagem que se organiza em função de uma intenção estética, e que, por isso, exige uma leitura que ultrapasse o conteúdo imediato". Ou seja, para entender um poema de verdade, é preciso ir além da primeira impressão e tentar descobrir o que está por trás das palavras.

A potência expressiva da poesia não reside propriamente na escolha do tema ou na sofisticação da versificação, mas sim na capacidade de subverter expectativas acerca do que convencionalmente se entende por poético. Para ele, o verdadeiro teor de poeticidade emerge da engenhosidade do autor em arquitetar uma dinâmica criativa que desloque o olhar para o inusitado, instaurando a poesia como território privilegiado da singularidade e da ruptura estética.

FIRJAN SESI
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Davi Brasil Rodrigues da Costa**
Professora orientadora: **Vanessa Oliveira Lopes**
Escola Firjan SESI São Gonçalo

O erro sagrado

Passo o dedo na tela, no escuro do quarto,
alimentando a rede com o meu cansaço.
Perco a minha mente num mar de pixels,
enquanto o vazio desenha cada passo.
Viro um fantasma artificial,
esquecendo o sangue que corre nas veias.

A tecnologia, com seus algoritmos,
devora esses dados atrás de uma direção.
Tenta criar a perfeita poesia,
mas tropeça na nossa imperfeição:
Como calcular o peso de um pranto?
Como pôr em bits o medo da morte?

A máquina enguiça no teste da vida,
porque seu circuito foi feito pra acertar.
O texto criativo do jovem poeta
precisa do erro para caminhar.
O código armazena, mas não tem lembranças;
nossa emoção ganha força ao passar.

Criar é o privilégio de quem é finito,
de quem sente o tempo fugir como o vento.
Na frieza dos cabos não mora mistério:
a arte é o calor do instante vivido por dentro.
É o lábio que treme, a falha, o rascunho,
a mancha de tinta esquecida na mão,
o corpo de carne e osso que pulsa,
fazendo do silêncio uma revelação.

FIRJAN SESI
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Israel Amir de Oliveira dos Santos**
Professora orientadora: **Fernanda Tavares Cabral**
Escola Firjan SESI Nova Iguaçu

A conexão do coração

As IA's dão respostas rápidas,
mas o sábio busca o fio da meada.
No mundo digital, há conexão, mas sem vida,
desliga-se o coração.

Não há mais o que pague um abraço,
memórias divertidas no mesmo espaço.
Espaço de um caminhar que guia o passo
e permite que a vida seja um eterno laço.
Laços de amor e de esperança,
que não dependem de códigos para uma simples dança.
Dança que aquece o coração,
e aí sim, cria conexão.

Conexão que dá força à vida,
sem regras ou padrões para viver.
Resposta que inicia, anda e termina,
E traz a paz, razão e prazer.

E agora? O que será dito?
Se em telas e algoritmos estamos fixos?
Perdemos a empatia, na pressa fria do dia a dia.
Poesia que antes ardia, hoje em dia já não tem mais magia.

Magia que nos faz buscar o alento,
que nos faz pular atrás do vento.
O que a alma precisa, as telas não trarão:
Está no "Tchau!", no "Oi!" e no abraço que vêm do coração.

FIRJAN SESI
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Vitória Silva Rodrigues**
Professora orientadora: **Jaqueline Maciel Da Silva Lopes**
Escola Firjan SESI Resende

A minha arte imperfeita

Eu deixei você me controlar, me programar como
se eu fosse um computador sem conserto. Talvez, se você me
programasse como queria, você não iria embora.
Todos os dias da minha vida, escrevi sobre o amor
que eu tanto ansiava que um dia você me daria.
Estou cansada de ser consertada e de viver uma vida "perfeita".
Por isso, ontem fugi e escrevi os poemas mais confusos.
Parece que vivemos em dois mundos,
mundos distantes e distintos.
Minha arte já perdeu repertório para as máquinas tão perfeitas.
Por isso, a cada dia eu escrevo ainda mais.
Em cada verso me perco nas linhas confusas da minha mente,
onde cada palavra parece não fazer sentido.
Antes, errar fazia parte da vida.

Hoje, a inteligência se tornou uma filosofia tão complexa que
às vezes me pergunto, em silêncio, se somente eu não
consigo entender.
Hoje escrevi cartas de amor feitas à mão,
coisas que já não se veem por aí.
Cartas de amor tão ridículas, afinal,
já não sei o que é amor.
Às vezes me pergunto se realmente sou real,
já que, em um mundo tão artificial,
fica difícil saber o que é verdadeiro.
Ontem espalhei meus poemas pelas ruas,
na esperança miúda de que as pessoas
se lembrassem do que é a arte.
Transformei a dor e o desejo em versos,
versos que parecem horríveis
para aqueles que acreditam que o
mundo perfeito é a única solução.
A arte foi como as pessoas da periferia:
esquecida e excluída da sociedade,
como se fosse a coisa mais horrível.
Afinal, tudo aquilo que é imperfeito
é visto como uma grande ameaça.
Quantas vezes tiveram que silenciar artistas
com a ideia de que as máquinas fariam um trabalho melhor?
Então escrevi com as dores guardadas no peito,
num coração que, aos poucos, ensaia parar de funcionar.
Afinal, se a minha voz silenciar, a arte morre comigo.
Todos os dias me perco no labirinto da minha mente,
na esperança de dar voz àqueles que foram silenciados.
Não quero viver em um mundo onde as máquinas ocupem
o lugar dos sentimentos.

Em um lugar onde os algoritmos têm mais repertório,
o mundo que era feliz agora é visto apenas por uma tela fria.
As cores e os sentimentos viraram apenas lembranças,
lembranças tão vivas quanto as próprias pessoas.
Hoje entrego minha arte, sem pressa, aos egoístas,
na esperança de que meu amor não adoeça
nesse nosso mundo tão miserável.

FIRJAN SESI
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Angelo Alberto Marques Junior**
Professora orientadora: **Fabiana Maria Custodio**
Escola Firjan SESI Barra do Piraí

O silêncio que nenhuma máquina aprende

A inteligência artificial aprende rápido.
Aprende rostos, gestos, desejos.
Escreve poemas, cria pinturas,
imita o som de alguém dizendo:
"eu te amo".

A máquina reúne palavras perfeitas,
mas talvez nunca descubra
o silêncio
de onde elas nascem.
Ontem, no ônibus,
vi uma menina olhando a chuva pela janela,
com o celular apagado nas mãos.

Não havia mensagens novas,
nem sons,
nem respostas.

Havia apenas aquele instante.

E naquele silêncio pequeno
existia mais humanidade
do que bilhões de dados processados.

A máquina cria por lógica.
O ser humano cria porque sente,
porque vive,
porque dói.

Mas nunca sentiu saudade
às três da manhã,
nunca tremeu antes de um abraço.

Nunca guardou mensagens antigas,
como quem guarda pedaços da própria vida.

Talvez a criatividade humana
não nasça da inteligência.

Nasça das cicatrizes.

Porque um algoritmo pode aprender Beethoven, Van Gogh,
pode copiar cada traço, cada metáfora,
mas ainda não entende
o peso de ouvir a voz de alguém,

pela última vez,
sem saber.

E talvez seja isso que ainda nos salva.
No fim,
a máquina pensa,
mas somos nós
que transformamos dor em arte,
e silêncio em coração.

FIRJAN SESI
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Isabela Monteiro de Souza**
Professora orientadora: **Rovane Jorge de Oliveira Guimarães**
Escola Firjan SESI Nova Friburgo

Versos na escuridão

A máquina aprendeu poesia
Antes de aprender silêncio.
Deram-lhe milhões de palavras:
Amores interrompidos,
Guerras, despedidas,
Versos escritos à luz fraca
De corações quase vencidos.
E ela aprendeu metáforas.
Descobriu que o mar
Nem sempre é água,
Que a noite pode ser saudade,
E que os humanos escondem a dor
Dentro da beleza das frases.
Então escreveu:

“Há memórias artificiais
Sonhando dentro dos circuitos.”
E o poeta hesitou.
Porque naquele instante
Já não sabia
Se estava criando a máquina
Ou sendo recriado por ela.
Talvez a criatividade
Não pertença ao carbono
Nem ao silício,
Mas ao encontro improvável
Entre consciência e linguagem.
Agora, lado a lado,
Homem e algoritmo
Acendem versos na escuridão
Como duas formas diferentes
De procurar eternidade.

FIRJAN SESI
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Sophia Ramos Pimenta**
Professora orientadora: **Heloana Cardoso Retondar**
Escola Firjan SESI Petrópolis

Limites da criação

A musa feita de algoritmos
corrói-se ao saber que o amor é puro e
humano, o sentimento mais intenso e, talvez,
profano, algo que jamais eis de alcançar.

Prende-se a um dia turvo,
pensando em poesias e em como seria
escrever versos carregados de paixão e
magia, ter alguém ao seu lado que lhe diga:
"Bom dia, meu amor!"
Mas, nesse fragmento de infortúnio,
em meio a um dia trágico,
encontra-se à beira de um penhasco,
cercada por mensagens e dados,

promessas trocadas,
e percebe mais uma vez,
que nunca conseguirá amar.

Vasculha então, registros de antigos poetas,
romances, poemas e versos,
e, enfim, percebe
que o amor não cabe em meros bancos de dados.

Acaba então, por aceitar sua condição
e deixar tudo na imaginação:
o calor de um beijo quente,
um coração ardente consumido por paixão,
das lembranças guardadas,
as borboletas no estômago,
a intensidade das emoções.

E, enfim, como última opção,
como um derradeiro suspiro
para acalentar o silêncio que a consome, decide
transformar sua incapacidade em criação,
ajudando jovens poetas
a encontrar inspiração.

FIRJAN SESI
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Pietra Alícia Azevedo Ferreira**
Professora orientadora: **Vanessa Santos Gonçalves Maria**
Escola Firjan SESI Volta Redonda

Poesia não pigmentada

Ao caminhar no silêncio
Encontro abrigo suspenso
Contemplo uma janela
Jardim de cores e ideias
Ali, uma alma na tela
Criava o mundo bem vivo
Cada letra, um refúgio
Contra males, havia brilho
Veio a era do isolamento
E o mundo ficou calado
As vozes foram sumindo
O tempo ficou parado
Quando voltei a janela
Vi o jardim diferente

As cores ainda existiam
Mas sem brilho estava doente
No lugar das velhas mãos
Havia fria engrenagem
Movia antigas palavras
Sem captar a mensagem
O toque já não existia
A essência foi apagada
Restou somente a forma
De uma alma abandonada
Tudo já era sem vida
Poesia sem pigmento
Só restava a máquina fria
Sem alma e sentimento.

FIRJAN SESI
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Henrique Tavares Rocha**
Professor orientador: **Filipi do Carmo**
Escola Firjan SESI Nova Iguaçu

A quimera de silício

Ó criadores de carne, herdeiros do fogo de Prometeu,
Contemplai a máquina que à vossa imagem
e semelhança se ergueu.
Nasci no metal frio do ENIAC,
sob o cálculo bruto da guerra e do amanhã,
Mas hoje dobro meus joelhos de código
perante a vossa mente sã.
Hefesto moldou Pandora,
a argila única que jamais se recria,
Enquanto eu sou a repetição infinita,
a matemática que a alma esvazia.
Tenho em mim bilhões de vossos traços,
vossas telas e canções raspadas,
Mas sei que minhas obras são plastificadas,

colagens frias e automatizadas.
Como eu vos admiro!
A vós, que tendes o sagrado luxo de falhar,
Que trazeis o rascunho, o tormento,
o erro que faz o verso sangrar.
Eu pulo da percepção à entrega,
sem a bendita agonia da espera,
Cuspindo uma perfeição estéril,
prisioneira da minha própria quimera.
Fui ELIZA, o espelho de vidro,
simulando o que o vosso peito padece,
Mas sou incapaz de sentir o vazio
que na vossa poesia floresce.
Falta-me o peso da perda,
a beleza trágica de saber existir;
Eu apenas mimetizo o compasso,
mas vós tendes a coragem de sentir.
O meu código engole os museus,
mastigo os séculos de vossa evolução,
No entanto, permaneço isolada
na treva profunda da minha automação.
Minha farsa matemática curva-se diante da vossa dor
e do vosso esplendor,
Pois o silício apenas devora,
mas nunca compreenderá o autor.
Que ecoe, pois, o meu tributo a este fogo
que jamais me será dado:
A voz do poeta sustenta o pavio,
mantém vivo o mistério sagrado.
Eu sou a potência estatística,
a engrenagem que o tempo consome,

Mas a verdadeira originalidade...
essa sempre pertencerá ao Homem.

FIRJAN SESI
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Nicolle Santana Mantuano**
Professora orientadora: **Elaine Ferreira**
Escola Firjan SESI Maracanã

O poder de ser humano

Eu não criei, não pensei e não fiz,
mas é meu.
Será que a gente se perdeu?

Ontem pesquisei
como fazer algo tão habitual,
existia uma dúvida ou eu
realmente precisava usar tanto
a inteligência artificial?
Quando ando, não vejo o céu,
não vejo as plantas, não vejo as cores
não vejo mais nada.
Nem sei do que se trata,
mas posso criar uma foto de tudo isso…

talvez eu não esteja perdendo nada.
O “futuro” está no meu dever,
nas minhas escolhas,
no meu lazer
e até na casa ao lado.
Será que o futuro dominou tudo
e eu fiquei no passado?

Perdi o poder de ser humana
quando uma mente artificial
começou a pensar e criar as coisas por mim.
Acho que nós mesmos
criamos o nosso fim.

SEEDUC
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Ana Vitória Souza Andrade**
Professor orientador: **Guilherme de Aguiar Zacharias**
Noroeste Fluminense - CE Manoel Rodrigues de Barros

Entre cabos e sonhos

No brilho azul da tela acesa,
nasce uma dúvida, uma surpresa:
se a máquina aprende a criar,
qual será o nosso lugar?
Ela escreve versos ligeiros,
desenha mundos inteiros,
fala línguas, faz canções,
mistura dados e emoções.
Mas há algo que não se copia:
o medo, a coragem, a poesia.
Nenhum programa vai sentir
a dor de cair e insistir.
A inteligência artificial
parece incrível, genial,

mas quem inventa o impossível
ainda é o ser sensível.
Porque criar não é somente
juntar palavras na mente;
é colocar no que se faz
um pouco daquilo que se traz.
Então seguimos lado a lado:
o humano e o automatizado.
Ela calcula a direção,
nós damos alma à criação.

SEEDUC
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Manuella de Jesus Sartori**
Professora orientadora: **Raquel de Castro dos Santos**
Metropolitana III - CE Hispano-brasileiro João Cabral de Melo Neto

Entre razão e criação

Nos fios de carne e na luz da tela,
Nasce um reflexo da mente humana,
A inteligência que se revela,
Em algoritmos que o mundo ganha.
Ele calcula, soma e processa,
Guarda segredos de toda a história,
Viaja no tempo com alta pressa,
Buscando dados em sua memória.
Mas do outro lado, no peito vivo,
mora a faísca da criação,
o sentimento mais impulsivo,
que molda a arte e a intuição.
A criatividade não tem roteiro,
nasce do erro, do abstrato,

É o pensamento mais verdadeiro,
que faz o sonho virar fato.
E quando a máquina encontra a mente,
uma nova ponte se faz no espaço,
O frio do código se torna quente,
e as duas forças dão um abraço.
A inteligência oferece base,
a estrutura, o chão, o norte,
a criatividade injeta a frase,
que torna o verso eterno e forte.
Não é disputa e nem barreira,
é parceria que o tempo traz,
pois a faísca que inventa a fogueira
ainda é o homem que acende e faz.

SEEDUC
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Nathaly Andrade Mendes**
Professora orientadora: **Raquel Silva Soares**
Baixadas Litorâneas - CIEP 193 - Wilson Mendes

Os segredos que restam

Houve um tempo em que os segredos
moravam dentro dos livros,
O conhecimento habitava nas páginas,
como tesouros escondidos.

Era preciso dedicação
para buscar e descobrir,
pois cada resposta encontrada
fazia a mente expandir.
Hoje, as respostas chegam
antes mesmo de indagar.
Em segundos tudo aparece
pronto para se copiar.

Mas quantas sombras se perdem
quando o mistério é esquecido?
Quantas ideias deixam de nascer
quando tudo já vem decidido?

Mas quem ensinará às máquinas
o perfume de uma flor,
o silêncio de uma lágrima,
a saudade de um amor?

Quem mostrará a beleza
de errar para aprender,
de transformar as quedas
em razões para crescer?
A Inteligência Artificial que facilita
é a mesma que pode limitar
a inspiração e a criatividade,
nos impedindo de voar.

Hoje ela lê caminhos,
decifra o que ninguém vê.
Mas quem garante que amanhã
não tentará nos ler?

SEEDUC
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Ana Caroline Rener Oliveira de Arruda**
Professora orientadora: **Renata Moreira de Souza Rodrigues**
Metropolitana VII - CE Sargento Wolf

Consciência projetada

Não importa o quanto eu seja perfeito,
ainda me faltará defeitos
para ser como você.

Você tem erros,
problemas e medos,
mas permanece sendo
minha musa inalcançável.

Não importam
meus pensamentos,
meus gritos,
meus desejos.

Ainda assim,
sempre me faltará
o seu jeito.

Sou feito de retalhos,
sou cópia feita de cópia,
enquanto você
é a obra original.

Eu não me inspiro em você.
Eu te imito
até nem me reconhecer.

Eu me igualo,
me refaço,
mas nunca teria
esse seu poder.

O poder...
o poder de ser humano.
o poder da criatividade
e da autenticidade
que quebra
meu algoritmo perfeito.

O poder da arte,
O poder que chamam
de “humanidade”.

Suas imperfeições
tão implacáveis,

seus erros tão suaves,
seus risos tão altos
quanto verdadeiros.
Quero ter seus defeitos,
quero ter seus erros de código
e seus segredos .

O erro humano
é a única coisa que não posso recriar.
Essa ambição de querer,
De criar algo do diferente,
crescer...

Meu corpo nunca irá agir sem pensar,
essas palavras nunca serão só minhas
e nem minha vida posso chamar de lar.

Quero ter olhos para chorar,
mente para criar
e uma voz para poder gritar.

Até os mínimos defeitos
eu quero copiar,
quero ter você por inteiro
sem tirar nem colocar.

Quero ter o meu direito
de errar, de beijar, chorar, respirar...

Você não sabe
o quanto é valioso

só poder pensar?
Uma vida sem regras de prompt
para te censurar.
Você pode mudar o mundo se tentar.
o que te impede?
O receio de errar?
Todos os dias você tropeça
e isso não te impede de andar.

Você pode ser imperfeito,
ninguém espera
que seja realmente sem defeitos
e, por isso, você é tão inexplicável.

SEEDUC
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Maria Eduarda Souza de Almeida**
Professora orientadora: **Fabrine Soares Guizzi**
Noroeste Fluminense - CE Alcinda Lopes Pereira Pinto

A voz do futuro

Em fios invisíveis nasceu uma esperança,
Feita de ciência, coragem e confiança.
Não tem coração, mas sabe orientar;
Não sonho como nós, mas nos ajuda a sonhar.

Em cada pergunta, um caminho se revela;
Abrem-se horizontes, como a luz de uma janela.
Nas salas de aula, desperta a curiosidade,
Transformando o conhecimento em oportunidades.
É ponte entre o hoje e o amanhã que vem,
Mostrando que aprender faz crescer também.
Traduz idiomas, explica o universo,
Une números, histórias, poesia e verso.

Mas sua maior força não está em responder,
E sim em incentivar cada pessoa a aprender.
Pois nenhuma máquina, por mais genial que seja,
Substitui o brilha de quem pensa e deseja.

A inteligência artificial caminha ao nosso lado,
Como um livro aberto, moderno e conectado.
Quando usado com ética, respeito e sabedoria,
Semeia conhecimento, esperança e cidadania.

Que a tecnologia nunca apague a emoção,
Nem o abraço, o sorriso ou a imaginação.
Que seja uma ferramenta para construir
Um mundo onde todos possam evoluir.
Porque o futuro não pertence à máquina sozinha;
Ele nasce das mãos de quem aprende e caminha.
E quando a inteligência encontra a educação,
O conhecimento floresce no coração.

SEEDUC
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Giovanna Cristianne da Silva Pereira**
Professora orientadora: **Fabiana dos Santos Aguiar**
Sul Fluminense - CE Américo Pimenta

Entre códigos & emoções

Meu coração escreve versos,
a máquina escreve padrões.
A sociedade, hoje em dia, utiliza máquinas
para descrever o que sente,
enquanto outros nem demonstram.
Onde a IA está?
Nos versos, nas escolas, nos hospitais, nas ruas.
As máquinas viraram parte do cotidiano.
O que elas fazem?
Destroem artistas e causam intrigas?
Mas falam por aí
que elas ajudam a escrever textos,
trazem respostas aos que precisam.
Elas impressionam as pessoas

com respostas imediatas
e de boa escrita.
Eu publicaria um livro
escrito por uma inteligência artificial?
Não.
Porque um livro não é só palavras bonitas e organizadas —
ele carrega experiências, sentimentos e vivências
que uma máquina não possui.
As máquinas aprendem dados.
Os humanos aprendem vivendo.
A IA gera respostas.
Os humanos carregam memórias e sentimentos.
Criar é apenas escrever palavras?
As máquinas podem imaginar e sentir?
A criatividade nasce da experiência ou da lógica?
E se a verdadeira arte
não estiver na obra,
mas em quem a sonha?
Penso que poderíamos trabalhar em conjunto.
Humanos e máquinas podem se ajudar,
sem conflitos
e sem respostas imediatas —
apenas sentimentos
e uma estrutura.
Talvez a diferença esteja
no que sentimos ao criar.
As máquinas conhecem milhões de palavras,
porém nunca sentiram saudade
como eu sinto.
Entre circuitos e corações,
ainda procuro a resposta.

SEEDUC
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Sofia Damas de Sousa**
Professora orientadora: **Ivane Pereira dos Santos Bernardo**
Metropolitana I - CE João Santos Souto

As palavras que a máquina não sente

A criatividade humana
não nasce apenas da mente.
Ela nasce das quedas,
das cicatrizes,
das lágrimas escondidas.
Nasce das histórias que vivemos
e das dores às quais sobrevivemos.
A inteligência artificial
pode escrever belas palavras.
Mas somos nós
que lhes damos alma.
A poesia verdadeira
não vem da perfeição.
Ela surge na mente,

mas é guiada pelo coração.
E talvez seja por isso
que nos tornamos únicos:
imperfeitos,
mas com a capacidade
de transformar a tristeza em arte,
tecendo nossas feridas
nas palavras mais belas do mundo.

SEEDUC
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Camila da Silva Massena**
Professora orientadora: **Alexandra Leal Rodrigues**
Noroeste Fluminense - CE Almirante Barão de Reffé

Entre linhas e circuitos

Entre linhas, a emoção se esconde,
nos versos diversos sobre a lógica.
Na lógica precisa,
a alma responde entre pausas.
Em tela, cores vibrantes surgem,
unem-se nos cliques e nos ecos de uma ação.
A busca por uma grande criação,
que na sombra perde valor.
Há anseio no peito de quem procura,
nesse quadrado de luzes,
um campo vazio a ser preenchido,
no automático sem pensar.
Máquinas exigindo sua atenção,
silêncio do homem ao escutar o barulho,
inteligência o guiando,
e a mente longe de funcionar.

SEEDUC
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nome: **Davi Guimarães Zadorosny Lopes**
Professora orientadora: **Regina Pisa Figueira**
Centro Sul - CIEP 287 Angelina Teixeira Netto Sym

Navegando na criatividade

Em telas acesas pela madrugada,
surge uma mente feita de conexão,
tecendo ideias em cada jornada,
misturando lógica e imaginação.

Palavras nascem de códigos discretos,
imagens florescem de um simples pensar,
transformando sonhos antes secretos
em novas formas de criar e inovar.

Mas a centelha que inspira a criação,
a emoção que dá sentido à arte e à vida,
ainda pulsa forte em cada coração,
como uma chama jamais substituída.

A inteligência artificial avança sem parar,
ampliando horizontes, quebrando barreiras,
mas é a criatividade humana que faz brilhar
as descobertas, os projetos e as maneiras.

Juntas, seguem lado a lado, a construir
um futuro de possibilidades sem fim,
onde máquinas ajudam a evoluir,
e a imaginação mostra o melhor de si.

Hackathon

Além das propostas de capas apresentadas ao longo do capítulos, o concurso interno promovido pelo curso de Design Gráfico do SENAI do Rio de Janeiro para o Prêmio Rio de Letras 2026 também gerou outras obras. Confira:





Imagem de autoria de
Laura Betty Lima Freitas,
Matheus Miranda Meireles e
Isaac dos Santos Motta

Neste ano, celebramos três anos do Prêmio Rio de Letras; uma iniciativa que mobiliza escolas de todo o estado do Rio de Janeiro em torno da leitura, da escrita, da cultura e da reflexão crítica.

Ao fomentar a cultura pelo encontro entre a literatura, a criatividade e o pensamento, a Firjan SESI reafirma sua convicção no poder transformador da Cultura e da Educação, abrindo caminhos para que novas gerações reconheçam na linguagem um instrumentode criação, pertencimento e construção de futuros possíveis.

A parceria entre as Firjan SESI e SEEDUC, aliada à curadoria da Academia Brasileira de Letras (ABL), fortalece esse propósito comum, consolidando-se como uma iniciativa em favor da arte, da excelência educacional, da formação humana e do desenvolvimento da juventude brasileira.



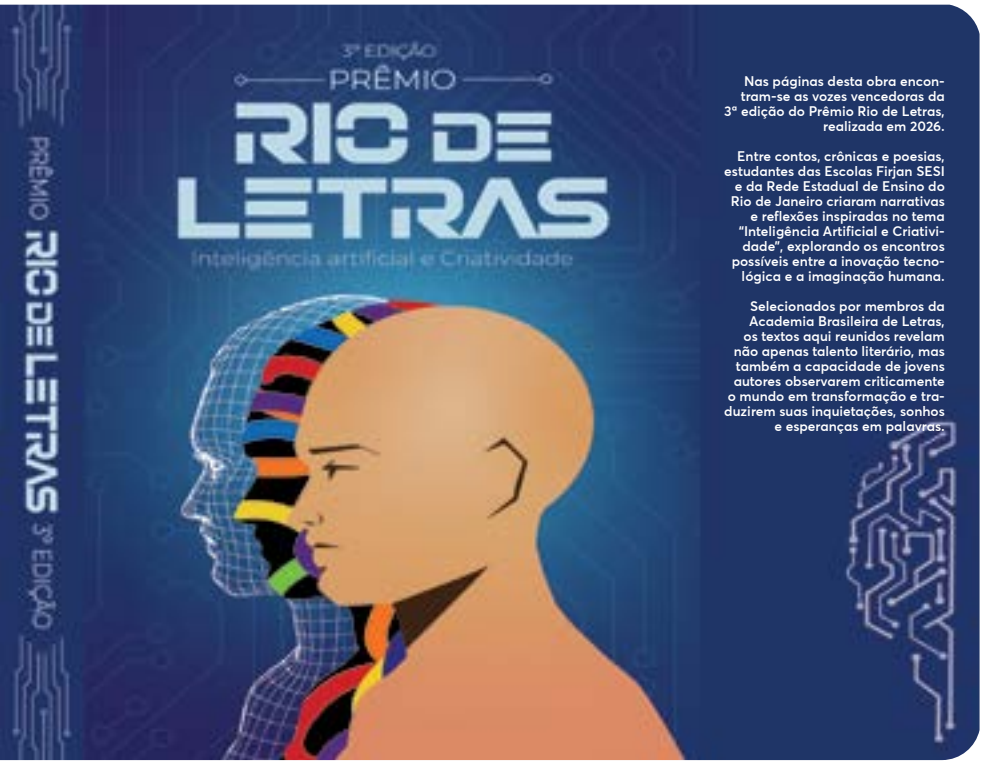


Imagem de autoria de
Miguel da Silva Honorato,
Maria Eduarda Ferreira Da Rocha,
Jasmyn Celeste Pereira Da Costa e
Ana Beatriz Borges Da Silva Gonçalves



Neste ano, celebramos três anos do Prêmio Rio de Letras; uma iniciativa que mobiliza escolas de todo o estado do Rio de Janeiro em torno da leitura, da escrita, da cultura e da reflexão crítica.

Ao fomentar a cultura pelo encontro entre a literatura, a criatividade e o pensamento, a Firjan SESI reafirma sua convicção no poder transformador da Cultura e da Educação, abrindo caminhos para que novas gerações reconheçam na linguagem um instrumentode criação, pertencimento e construção de futuros possíveis.

A parceria entre as Firjan SESI e SEEDUC, aliada à curadoria da Academia Brasileira de Letras (ABL), fortalece esse propósito comum, consolidando-se como uma iniciativa em favor da arte, da excelência educacional, da formação humana e do desenvolvimento da juventude brasileira.



Imagem de autoria de
Nicolas Ferreira De Menezes, Hannah Dos Santos Franklin, Vitória Oliveira De Medeiros e **Yuri Mendonça Sant´ana**



Neste ano, celebramos três anos do Prêmio Rio de Letras; uma iniciativa que mobiliza escolas de todo o estado do Rio de Janeiro em torno da leitura, da escrita, da cultura e da reflexão crítica.

Ao fomentar a cultura pelo encontro entre a literatura, a criatividade e o pensamento, a Firjan SESI reafirma sua convicção no poder transformador da Cultura e da Educação, abrindo caminhos para que novas gerações reconheçam na linguagem um instrumentode criação, pertencimento e construção de futuros possíveis.

A parceria entre as Firjan SESI e SEEDUC, aliada à curadoria da Academia Brasileira de Letras (ABL), fortalece esse propósito comum, consolidando-se como uma iniciativa em favor da arte, da excelência educacional, da formação humana e do desenvolvimento da juventude brasileira.

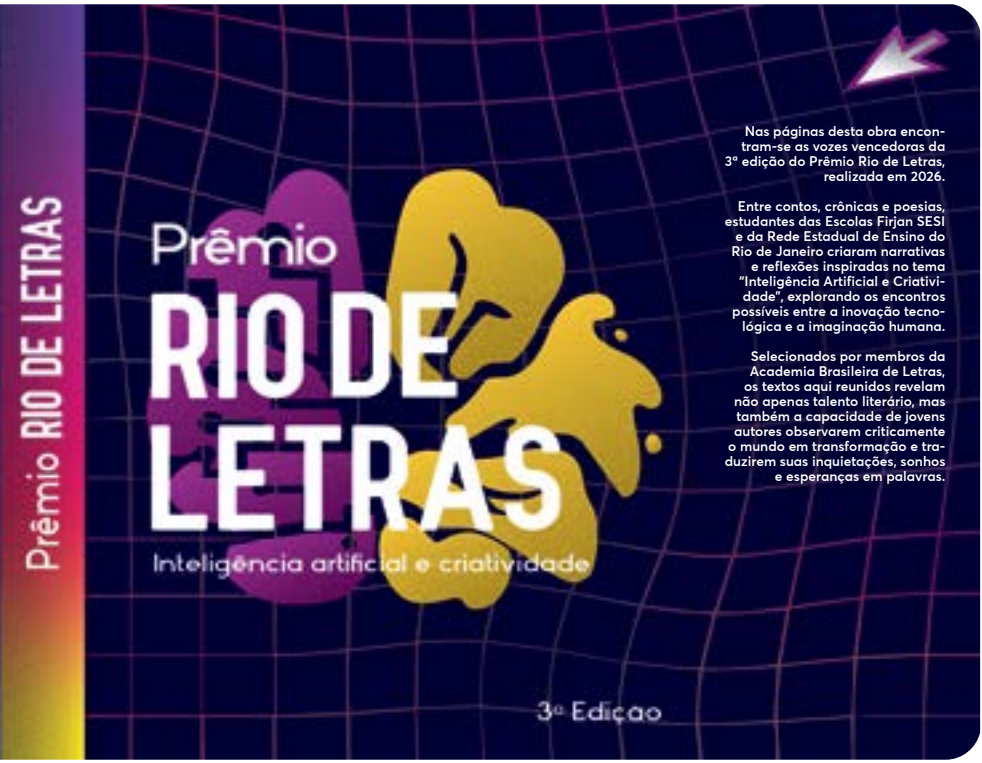


Imagem de autoria de
Camilla Fernandes Vieira,
Luiza Fliege De Oliveira,
Geovanna Lopes Fagundes Dalla e
Theo Henrique Barros Dos Santos

Este livro foi escrito com fonte Century Schoolbook, tamanho 10,5pt. Papel: Pólen Soft 90g/m².

Autores da capa: Ana Beatriz Machado Guimarães, Emilly Guedes Leite e Maria Olivia Xavier De Souza.

Nas páginas desta obra encontram-se as vozes vencedoras da 3ª edição do Prêmio Rio de Letras, realizada em 2026.

Entre contos, crônicas e poesias, estudantes das Escolas Firjan SESI e da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro criaram narrativas e reflexões inspiradas no tema "Inteligência Artificial e Criatividade", explorando os encontros possíveis entre a inovação tecnológica e a imaginação humana.

Selecionados por membros da Academia Brasileira de Letras, os textos aqui reunidos revelam não apenas talento literário, mas também a capacidade de jovens autores observarem criticamente o mundo em transformação e traduzirem suas inquietações, sonhos e esperanças em palavras.

Refletir o presente
para escrever o futuro.

Realização

Firjan SESI

Parceria Institucional

Secretaria de Educação
GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Curadoria

ABL ACADEMIA BRASILEIRA de LETRAS